

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

BEATRIZ ALVES DOS SANTOS

**ENCRESPOU: REPORTAGEM IMPRESSA SOBRE TRANSIÇÃO
CAPILAR**

**CUIABÁ
2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

BEATRIZ ALVES DOS SANTOS

**ENCRESPOU: REPORTAGEM IMPRESSA SOBRE TRANSIÇÃO
CAPILAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a obtenção do diploma de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, sob orientação do Prof. Ms. Thiago Cury Luiz.

CUIABÁ

2018

ENCRESPOU: REPORTAGEM IMPRESSA SOBRE TRANSIÇÃO CAPILAR

BEATRIZ ALVES DOS SANTOS

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Ms. THIAGO CURY LUIZ
(Universidade Federal de Mato Grosso)

Prof. Ma. MARLUCE DE OLIVEIRA SCALOPPE
(Universidade Federal de Mato Grosso)

Prof. Dra. TAMIRES FERREIRA COELHO
(Universidade Federal de Mato Grosso)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que esteve comigo em todos os momentos. Aos meus amigos Demis Rodrigues e Aparecido do Carmo, que me ajudaram a enxergar quando não podia ver. Aos professores do curso de Jornalismo pelas aulas e discussões enriquecedoras, durante os quatro anos de graduação. Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma, fazendo parte do processo de minha formação acadêmica.

Dedico esse trabalho aos que me impulsionaram a acreditar em um sonho que agora se faz realidade.

“I like my baby heir with baby hair and afros”[...]
Swae Lee - *“Formation”* interpretada por Beyoncé Knowles (2016).

RESUMO

O presente estudo apresenta uma reportagem imprensa sobre a nova tendência que, em menos de dez anos, se popularizou entre as jovens, de maioria negra, no Brasil. Denominada “Transição Capilar”, essa ação de retornar aos fios naturais trouxe muito mais do que uma simples técnica a ser adotada pelas mulheres: viabilizou aspectos culturais e históricos que haviam adormecido na pauta de discussão sobre representatividade. Partindo das discussões raciais por meio do cabelo, a causa se assemelha a debates e princípios já apresentados pelo movimento *Black is Beautiful* dos anos 60. No entanto, a ação que se vê agora traz, além das temáticas já vistas, também outras perspectivas como, por exemplo, as discussões da padronização das identidades negras e os seus posicionamentos. Por meio da grande reportagem, explicamos, assim, o processo de transição capilar, bem como seu contexto, trazendo também as perspectivas e falas de jovens universitárias da UFMT de Cuiabá. Além de pesquisa bibliográfica, fizemos uso de entrevistas como forma de coletar informações a respeito das técnicas jornalísticas e as demarcações teóricas sobre transição capilar. Portanto, explicar os motivos presentes na transição capilar e contribuir com espaço de fala das meninas que o realizaram nos possibilitaram mostrar ao leitor que a transformação dos fios vai além da mudança capilar. Com isso, é possível compreender melhor o movimento que traça uma política: na transição, há critérios de identidade, de posicionamento e também de luta, os quais este trabalho busca apresentar.

Palavras chaves: Reportagem; transição capilar; identidade; negritude; representatividade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	13
CAPÍTULO II.....	20
PARA ALÉM DOS FIOS E SUAS TEORIAS.....	20
2.1 Cabelo, Racialidade e a Educação	20
2.2 Manifestos, Cabelo e a Web : os assuntos se conectam	26
2.3 Antes de tudo, um breve relato sobre identidade.....	32
2.4 As negritudes se separam: “elas devem ser livres para serem negras como quiserem”	38
CAPÍTULO III	43
RELATO DAS ATIVIDADES NA PRODUÇÃO DA REPORTAGEM.....	43
3.1 As entrevistas	43
3.1.1 Começando pela teoria: Cândida Soares	43
3.1.2 Larissa Santos.....	44
3.1.3 Isabela Silva	44
3.1.4 Monique Flogliatto.....	45
3.1.5 Annie Lima.....	45
3.1.6 Isabela Moraes	45
3.1.7 Neuza Batista.....	46
3.2 Procedimentos de pesquisa	46
3.2.1 A Seleção.....	49
3.3 Fotos.....	50
3.4 Aspectos da diagramação.....	51
3.5 Linguagem e escrita da reportagem	51
3.5.1 Foco no leitor	52
3.6 A experiência que fica	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS	57
ANEXOS	59

INTRODUÇÃO

“Isso não está na moda, está no meu DNA”. Em depoimento a uma websérie, a radialista Shirlena Souza compartilha sua trajetória de aceitação, bem como as várias frases que ouve a respeito do seu cabelo que, agora, como dito por ela, é admirado por estar na moda. O problema é que, diferente do que muitos meios de comunicação proliferam, a mudança pode estar na mídia, mas não pelo motivo que eles divulgam. Ela não surgiu para se adequar ou criar uma tendência. Há motivos mais densos do que os de movimentar o mercado.

Por essas razões, é relevante apresentar a cena que se observa atualmente na sociedade, em que várias mulheres, em grande parte negras, deixam os padrões de estética estabelecidos pela sociedade e mídia de lado para buscar a autoaceitação e também trazer as demais lutas que cercam sua aparência.

A representatividade e o respeito às diferenças entram em cena para retirar todo o emaranhado de pré-conceitos e dilemas presentes em um país que, de forma escondida (ou nem tanto assim), ainda prolifera velhos discursos. Camuflados em novos artifícios, ainda oprimem e ferem vários corpos.

É preciso, dessa forma, discutir e apresentar como as mulheres, especialmente as negras, se agrupam e definem atualmente sua identidade e direito à escolha de manter seus cabelos exatamente como a genética oferece.

Notamos, com a captação de materiais sobre o tema, que vários produtos jornalísticos deram atenção à temática. Entretanto, ao passar do assunto¹, não deram a visibilidade coerente ao que os próprios protagonistas estavam ali informando.

Seja pelo tempo corrido das redações ou pela não imersão no tema, a falha era proliferada desde os jornais e artigos de revistas aos programas televisivos. Fica claro, ao observá-los que no próprio discurso de defesa da causa de valorização dos cabelos crespos, o discurso que oprime. Assim, buscamos por meio deste trabalho, realizar uma grande reportagem, para que, do nosso modo e ao menos da nossa parte, esse acontecimento, que ainda brota na sociedade, seja contado pela perspectiva que realmente merece ser apresentada. Não que não estejamos suscetíveis ao erro. No entanto, parte como nosso princípio tentar trazer as demais perspectivas que não são retratadas.

¹ Como a videoreportagem da Rede Record de televisão: **Após 40 anos, penteado Black Power volta à moda entre famosos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QittFEUMjcw>.

Sendo assim, o presente trabalho busca aproveitar a teoria até aqui aprendida para trazer não apenas a temática da transição capilar pela perspectiva de jovens universitárias, como também elucidar a experiência obtida pelo jornalismo. Vários modos para essa contextualização foram propostos, porém a grande reportagem apresentou-se como a mais apropriada, tanto pelo formato e recursos, quanto pela forma a partir do qual poderíamos discorrer sobre o tema.

Este trabalho é parte de um estudo primário sobre um processo contemporâneo de reconhecimento e valorização de uma tipologia capilar que claramente busca valorizar, sim, os fenótipos de uma raça. Especificamente, a proposta é avaliar como as discussões sobre os cabelos crespos e suas contextualizações se popularizaram. De forma resumida, explicar por que atualmente o assunto entrou para o gosto do público.

Tendo a tecnologia – a internet e, claro, as redes sociais – para obter e repassar informações, como as jovens de agora discutem a questão de representatividade? O que essas fazem ou como se descobriram? Observar o contato dessas mulheres com seus cabelos e a relação presente nesse símbolo tornou-se nosso objeto de pesquisa, principalmente por percebemos as nuances presentes na vida de cada entrevistada, as lutas internas e externas a serem debatidas sobre os seus corpos e o(s) significado(s) acerca disso.

O trabalho ainda culminou em várias provas de que o assunto, mesmo já com longo percurso histórico, permanecia necessário e vivo, pela falta de visibilidade pública, ou pela falta de olhares críticos a essa situação, notamos que poderíamos fazer algo particular.

O momento era propício não apenas para apresentar o assunto, mas também porque junto com ele havia várias manifestações latentes, tanto na universidade quanto na mídia, nas conversas familiares e, claro, no universo das redes sociais que, infelizmente, hoje é o principal muro de demonstração de como a sociedade se relaciona com os seus problemas modernos e os que ainda não foram resolvidos.

Em um momento em que músicas como *Formation* e *This is América*² causam um alvoroço social, percebe-se que a balança ainda pesa apenas para um lado. E que, de

² *Formation* é uma canção interpretada pela cantora norte-americana Beyoncé lançada em 2016. A canção mostra em sua letra e clipe, um posicionamento contra o racismo e a violência policial nos Estados Unidos contra os negros. Nela também vemos o empoderamento das mulheres e a valorização dos fenótipos das pessoas negras como o cabelo e cor. Já *This is America* interpretada pelo cantor Donald Glover lançada em 2018 satiriza as problemáticas acerca do racismo, violência e a posse de armas nos EUA.

certa forma, a sociedade busca mostrar como todo esse engajamento, que prejudicou tanto um grupo, deve se modificar.

Observamos, por exemplo, a exigência de cremes para os cabelos crespos que não existiam há pouco tempo, e o que parece um ato pequeno, nos levou a uma melhor análise da situação que, com referências de pesquisas e livros, resultou no produto que apresentamos. Tais marcas sobre o corpo mostram como funcionam os lugares sociais reservados aos negros e, especificamente, ao corpo feminino, que, mesmo tendo um número significativo na população brasileira, permanece à margem de muitos assuntos.

O movimento traça uma política sobre o cabelo do negro. Partiu de mulheres negras a pretensão de socializar suas dificuldades sociais e raciais. Nos compartilhamentos, observou-se uma colaboração para que, assim, mais pessoas fossem alcançadas e mais temas, discutidos. Há uma sororidade particular no processo de transição que precisa ser apresentado. Como o assunto ainda está em desenvolvimento, merece as devidas contribuições e ressalvas teóricas. Enfim, o presente trabalho se faz necessário tendo em vista que muitos são os problemas que o movimento ainda enfrenta.

Os temas presentes nas discussões do processo de transição mostram não apenas as ressignificações sobre o corpo, mas também buscam elucidar as novas abordagens sociológicas discutidas sobre raça. O desejo de apresentar os processos e suas conquistas advêm do motivo de também termos sido influenciadas pelas suas causas. Falar sobre o reconhecimento do corpo negro ainda denota como um assunto de superficialidade. No entanto, não é só o cabelo, os contextos acerca da negação dos fenótipos são mais amplos.

O objetivo geral deste trabalho se baseia em apresentar, por meio de uma reportagem impressa, o movimento de transição capilar e como suas contextualizações foram recebidas pelas adeptas do processo em Cuiabá. Assim, destrinchamos a temática em objetivos, como: apresentar a relação dessas mulheres com seus cabelos, os problemas que essa aceitação ocasionou e mostrar alguns dados que comprovam a relevância do tema, explanar algumas contextualizações sócio-históricas que auxiliaram na criação do movimento de transição capilar; e elucidar alguns pontos sobre a representatividade e identidade, visto que esses temas já se reelaboram apresentando novas discussões teóricas.

Assim, a metodologia da pesquisa guiou-se pelo cunho primário de referências bibliográficas, abrindo não só o leque de leituras a livros sobre o tema e sobre a grande

reportagem, como também dos conceitos de identidade e representatividade. Posteriormente, para a elaboração da reportagem, realizamos a pesquisa de campo, desenvolvida em entrevistas e o acompanhamento de palestras e rodas de conversas.

Desse modo, o presente trabalho se apresenta em três capítulos, em que o primeiro, de forma breve, mostra o desenvolvimento da reportagem de sua origem ao momento atual. O segundo capítulo apresenta as discussões sobre essa nova abordagem de se perpetuarem notícias dadas aos novos meios de comunicação, como blogs e redes sociais. Nesse capítulo, ainda apresentamos os trabalhos teóricos que discutem a questão de identidade e representatividade e suas entrelinhas e novas abordagens. Com o terceiro capítulo, apresentamos um relato breve sobre a experiência de elaborar a reportagem, bem como de desenvolver o produto final.

Os embasamentos teóricos se norteiam pelos estudos culturais, tendo como principais fontes Hall (2005), Santiago (2014) e Paula (2010). Para as demais elucidações sobre a presença do tema central no âmbito tecnológico, buscamos como fontes Lôrdele e Medeiros(2012), Santos (2015) e Matos (2015). Para as explanações do âmbito jornalístico, utilizamos como base as obras de Magno (2006), Kotscho (2004) e Lage (2005).

CAPÍTULO I

BREVE HISTÓRICO SOBRE O FORMATO REPORTAGEM

Nilson Lage (2005) define a reportagem como uma expressão do jornalismo interpretativo. Sendo assim cabe a ela não só contar, mas também explicar e mostrar com maior amplitude as ocorrências. Pela sua construção, ela permite que o jornalista explique detalhes que não coube à notícia elucidar.

[...] A reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia. [...] (PESSA, s/d, p. 01).

Segundo Ana Beatriz Magno (2006), essa característica de profundidade nas descrições das reportagens chegou pelas mãos de autores como Defoe, Bocaccio e Proust. A reportagem permite perspectivas mais detalhadas do acontecimento, a investigação promove e oferece maior profundidade ao assunto.

Magno (2006) destaca que as grandes reportagens não são apenas relatos expandidos da notícia, há mais adjetivos nessa produção. A autora adverte que, no Brasil, ainda há poucas bibliografias sobre esse gênero e boa parte das existentes prima pela pontualidade. A autora elucida que os primeiros pesquisadores do tema são Cremilda Medina e José Marques de Melo. Na reportagem, a extensão não está apenas no tempo de elaboração, mas também no tempo em que se conta o relato; na sua elaboração não se pode destacar apenas o presente, o passado também forma o texto. Na reportagem, o jornalista caminha o seu tema pelo tempo. É nessa conexão que o leitor poderá acompanhar a evolução do assunto. De acordo com Magno (2006, p.25), para José Marques de Melo “o que separa a notícia da reportagem é justamente a abordagem, o foco”. Já para Cremilda Medina, a reportagem “acrescenta contornos políticos, discursivos e temporais ao debate”.

A reportagem, como explica Magno (2006), é uma filha de várias mães. Sim, ela surgiu ou se formou por vários berços que vão desde os textos que descreviam as viagens dos desbravadores, aos relatos da guerra ou aos espaços conquistados pelas e nas revistas.

A reportagem só chegou aos periódicos no século XX, e antes de sua chegada houve vários percursos no mercado, como o crescimento e aquecimento³. A consolidação é proveniente de três fatores:

A expansão dos meios de comunicação; a comercialização a partir o século XIX com a emergência de uma nova mercadoria, a informação, ou melhor dito a notícia; emergência do polo intelectual com a profissionalização dos jornalistas e uma consequente definição das notícias em função de valores e normas que apontam para o papel social da informação numa democracia (TRAQUINA apud MAGNO, 2006, p. 37).

O mercado estava aquecendo a produção e além disso, os meios técnicos também começavam a se aperfeiçoar em alta escala, o que auxiliou no desenvolvimento dos veículos de comunicação e, assim, nos demais fatores, pois, como Magno (2006) cita, nos tempos de Gutemberg fazia-se a impressão de 50 páginas por hora. Em 1814, as impressões já chegavam a 1.100 graças aos prelos de cilindros de Koenig. Em 1871, a produção gráfica surge expandindo ainda mais as impressões, oferecendo 95 mil páginas. Concomitantemente, também se constatam as fotogravuras e as máquinas de fotografar o que oferecia ao texto mais aspectos enriquecedores que aguçavam e chamavam o interesse do leitor.

Com um novo mercado em alta, o número representativo de trabalhadores consequentemente cresceu. Junto com isso, o foco construtivo do texto também ganhou novos temperos, deixando de oferecer publicidade para transmitir a informação. Havia trabalhadores dedicados apenas a isso. Vale ressaltar que, segundo Magno (2006), o número relevante de pessoas alfabetizadas na Europa e Estados Unidos no século XIX também crescia. Os recém consumidores, então, liam com voracidade, o que fez com que houvesse no jornalismo uma procura pelo objetivo.

Em meados dos anos 30, como demarca Amaral (apud MAGNO, 2006, p. 39), na Inglaterra, França e Estados Unidos o jornalismo deixa o cunho politizado e passa a visar o mercado. Essas novas práticas foram divulgadas nas redações americanas pelas agências de notícias que, segundo Magno (2006), por venderem as notícias para altos clientes, como bancos e governos, tiveram que utilizar a forma imparcial para obter sucesso em suas vendas.

³ Traquina (apud MAGNO, 2006, p.38) explica que os jornais explodiram no final do século XIX. Os franceses, por exemplo, tinham 73 jornais em 1867 e 220 em 1881. Nos estados Unidos, enquanto a população aumentou 33% a circulação dos jornais cresceu 187%.

O *Penny Press* (vender a informação por fins comerciais) cresceu, e o modelo diferente de notícia passou a ser mais usado. Com isso, os repórteres começaram a frequentar mais as ruas. A partir desse contexto, “foi-se formulando não só a objetividade como também a imparcialidade e a imersão” (MAGNO, 2006, p.39).

Sobre o *penny press*, vale apresentar a declaração de Anderson, Emily Bell e Clay Shirky (2013, p. 30). Segundo os autores, as “instituições jornalísticas, pelo menos em sua versão do século XX, tinham um punhado de características que aumentavam seu poder na comparação com outras estruturas de governança pública”. A primeira era a tese da influência: em que o conteúdo era direcionado ao seu público. Já se observa a relação em poder sobre o público consumidor. “Supunha que leitores e a “opinião pública” eram moldados pelo jornalismo em grande escala”. Os autores salientam também:

É irônico que a raiz dessa equivalência entre audiência e poder não esteja na ascensão da “penny press”, mas na era da chamada “party press” (a imprensa partidária que a precedeu), quando era mais direta a correlação entre a circulação de um veículo e a força de um partido numa determinada área. Isso posto, a era da comunicação de “massa” trazia a ideia de que as massas respondiam à conduta do jornalismo e por ela eram influenciadas (ANDERSON et al. 2013, p. 30).

Atualmente, há uma subdivisão na conquista de consumidores. A audiência já não depende do mesmo objeto para seguir as informações dos fatos “a fragmentação do público consumidor de notícias lançou por terra a velha noção do público como massa” (ANDERSON et al., 2013, p. 30). Essa discussão já elucida por que assuntos como a transição capilar, assim como muitos temas, saem de outras áreas como as redes sociais para os jornais. Hoje, há um movimento contrário em que os meios de comunicação já recebem suas pautas ao invés de descobri-las.

Voltando ao percurso da reportagem, Magno (2006) explica que, no final da década de 60 do século XIX nos Estados Unidos, as primeiras entrevistas com personalidades públicas são realizadas. Com o passar do tempo, viam-se jornalistas formados com treinamentos específicos de cunho sempre imparcial e certo, que iam contra os possíveis comentários ou demais envolvimento do repórter. As redações então ofereciam textos que descrevessem exatamente o fato, não havia aspectos adicionais, como estilo ou técnicas literárias na narrativa. O texto era “seco” e direto:

Foi então que, grudado numa parede de Chicago Tribune, em 1892, se viu pela primeira vez em cartaz com os mandamentos que reinaram nos textos jornalístico de todo o ocidente por mais de 100 anos. O

que? Quem? Quando? Onde? Como? Por que? Era o princípio da tirania do *lead* (MAGNO, 2006, p.40).

Baseando-se nas seis primeiras perguntas, a construção do *lead* se fortaleceu. Isso, segundo a autora, fez com que a exatidão e o modo direto de relatar a informação surgissem como padrões. Com a Primeira Guerra, via-se cada vez mais as notícias sendo repassadas de modo rápido e sem imersão. Segundo Magno (2006), essa forma de escrever os textos nos anos 20 acendeu em alguns escritores a vontade de mudança, visto que a forma seca e direta, como medida de regra, já não satisfazia a ampla safra de escritores.

Lima (apud MAGNO, 2006) explica que a procura de aprofundamento dos fatos e a intenção de deixar o leitor mais informado do que estava acontecendo criaram o novo modelo de texto: a reportagem. Esta, agora, oferecia não só uma maior contextualização, mas também uma linha de liberdade ao escritor, que possibilitava utilizar outras maneiras de escrever os relatos sem se basear exatamente nas escalas do *lead*.

O surgimento de revistas semanais coincidiu com os primeiros anos das reportagens nas redações. Com as revistas oferecendo textos diferenciados e relatos dos bastidores, esse novo meio de apresentar as informações entrou no gosto do público. A primeira foi a revista *Time* (1923):

A *Time* nasceu com a difícil missão de se libertar do dia a dia e de oferecer algo mais do que “os fatos de ontem”. Seu leitor deveria receber explicações sobre os fatos e conexões entre eles, modelo que depois foi seguido por publicações nos quatro cantos do mundo como a *Der Spiegel*, na Alemanha, a *Cambio 16*, na Espanha, a *L' Express*, na França, e a *L'Europeo*, na Itália (MAGNO, 2006, p.41).

No Brasil, só duas décadas depois com as revistas *O Cruzeiro*⁴, *Realidade e Veja*, observa-se a presença desse gênero. Porém, há registros que comprovam que no Segundo Império houve a produção particular de Euclides da Cunha na cobertura da Guerra dos Canudos na Bahia, em 1897. O escritor escreveu dois artigos para o jornal Estado de São Paulo contra Antônio Conselheiro, o que fez o diretor geral Júlio Mesquita convidá-lo para cobrir a guerra. Com sua ida a Bahia, Euclides da Cunha,

⁴ Magno (2006) destaca que a revista *Cruzeiro* está entre as pioneiras na abordagem das grandes reportagens, e nisso a autora ressalta o trabalho de Assis Chateaubriand, que trouxe para o jornalismo do Brasil várias inovações, não só nas medidas técnicas como também nas profissionais. Como a renomada cobertura da Segunda Guerra Mundial e a presença do fotojornalista nas redações, que foi novidade no país, mesmo sendo algo já usado há muito tempo nos Estados Unidos.

segundo Magno (2006), publicou 30 matérias ao jornal. O feito não só resultou no livro *Os Sertões*, como também se tornou a primeira grande reportagem do país. Faro (apud MAGNO, 2006, p.41) cita também o trabalho de João do Rio, que em seus textos apresentava “fontes oficiais, com personagens do cotidiano, sobre as transformações sociais e urbanísticas da capital dos anos 20”. No entanto, ambos os autores realizaram trabalhos isolados. Isto proporcionou a não proliferação do gênero aos demais colegas da época, “foram homens a frente dos seus tempos” (MAGNO, 2006, p.42). Como dito, só posteriormente é que a grande reportagem se popularizaria nas redações brasileiras.

Os anos 40, como explica Magno (2006), marcam então essa popularização do gênero no Brasil, que coincide com as novas tecnologias nas redações. A imprensa passa a adotar as máquinas de escrever, juntamente com a profissionalização e os primeiros cursos de jornalismo. Há também uma certa abertura editorial que, de forma mais livre, permitia a cobertura dos fatos com amplitude, o que colocava com mais frequência as grandes reportagens nos periódicos. Os chefes de reportagens são substituídos pela figura do editor-chefe e os de área: a segmentação no jornalismo passa a ser utilizada.

Nos anos 50, já se observa no texto a substituição do nariz de cera pelo *lead*. Pompeu de Souza, como salienta Magno (2006), inseriu primeiramente a técnica americana na redação do jornal *Diário Carioca*. Com a adaptação da técnica que já completava 100 anos, a ideia de Pompeu de Souza se alastrou e caiu no gosto das redações do Rio de Janeiro.

Nos anos 60, a imprensa enfrenta a pressão política da ditadura, o que trouxe para os textos uma nova abordagem que, mesmo pressionada pelos olhos fiscalizadores, conseguiu de certa forma apresentar boas produções. Há nessa época a popularização da televisão, o que fez com que o impresso enfrentasse novamente uma nova maneira de se reformular.

De acordo com Magno (2006, p. 50), a revista *Realidade* apresenta o novo conceito em sua “versão verde e amarela do *New Journalism*”:

Não havia manifestos clubes e nenhuma panelinha nem um bar onde se ressumem os fiéis visto que não era nenhuma fé, nenhum credo. Na época, meados dos anos 60, o que aconteceu foi que, de repente, sabia-se que havia uma espécie de excitação artística no jornalismo (WOLF apud MAGNO, 2006, p. 51).

Com um estilo na escrita que fornecia uma leitura agradável, via-se nas reportagens uma narrativa semelhante à das novelas. Segundo Motta (2002, apud MAGNO, 2006, p.52), isso fez de Realidade um meio de produção alternativo que, junto com o Pasquim, Jornal da Tarde, Jornal do Brasil e Cruzeiro, assinalaram a história do jornalismo no Brasil. “Eles emprestaram uma marca fortemente social às reportagens sobre um país que se descobria espremido entre a miséria nas ruas, novidades na cultura, gerais no poder e telejornal na sala de jantar” (MAGNO, 2006, p.52).

Nos anos 70, no entanto, houve o aumento de pressão vinda dos militares, e a escrita nos jornais e revistas começa a sofrer de forma ainda mais brusca a fiscalização que ofuscava o brilho e criatividade dos jornalistas. Nos anos 80, como descreve a autora, os textos das reportagens apresentam fielmente as marcas da década passada:

Os efeitos do arbítrio dos anos 70 sobre o jornalismo dos anos 80 ficam evidentes em dois movimentos aparentemente contraditórios, mas complementares: o retorno da cobertura política engatinhando na investigação do que se passava nos porões do regime e um enfraquecimento das reportagens sociais que tentavam driblar a censura mostrando retratos das mazelas e misérias brasileiras (MAGNO, 2006, p.57).

Não só o foco das reportagens se modificou, mas também os próprios equipamentos e meios de transmitir a mensagem. Como explica Magno (2006), os computadores chegam às redações e, além disso, os infográficos, cores na parte interna, e, claro, a redução no texto. A crise no aumento do papel mais o argumento do tempo do leitor se somam à lista de mudanças. O que ocasiona, já nos anos 90 e século XXI, o uso de muitos números e pouco texto.

A grande imprensa se pasteurizou, ficou concentrada em poucos veículos obcecada pela cobertura da agenda do poder, escravo do telefone e dessa nova mídia de nome internet. Materializa-se em textos curtos que privilegiam estatísticas e declarações de autoridades e confina as grandes reportagens a uma única missão: fiscalizar os bastidores do poder, tarefa que o jornalismo brasileiro passou a realizar com destreza a partir de 1992 quando ajudou a derrubar o ex-presidente Fernando Collor (MAGNO, 2006, p.62).

Sabe-se que a questão de mercado e a evolução não só tecnológica, como também social, transformaram a forma e o modo de se produzir o jornalismo. No entanto, por que colocar como coadjuvante o que se passa no cotidiano? Por que não

utilizar ao menos de maneira mais produtiva os artifícios agora oferecidos? A própria prática dos profissionais leva a isto pois:

Mudou o jornalismo, mudaram os jornalistas. Ganharam diploma e perderam a paixão. Falam três línguas, mas já não ouvem com os próprios ouvidos. Quase nada veem, o pouco que enxergam não anotam. Desprezam a rua, vivem de gravador nas mãos, estão viciados em telefone. São repórteres que não reportam. Trocam os relatos pelos relatórios (FUSER apud MAGNO 2006, p. 62).

Para o autor, o repórter esquece a profundidade da reportagem e utiliza os dados e pesquisas como sua única forma de divulgar a informação. Não explora além dos números ou ao menos da maneira que deveria. Nota-se que a comodidade e o prático estando em alta veda a percepção jornalística de alguns profissionais. Seja pelo tempo ou atenção assuntos que já estão presentes na fala da população já não chegam ao mesmo tempo na escrita dos jornalistas, muitas vezes eles ficam para trás. E, como dito com a temática da reportagem aqui apresentada, a pauta faz o caminho reverso: ela primeiro se apresenta pela população e só depois é comentada pelos meios de comunicação. Assim sendo, seguem as elucidações que explicam como esse novo percurso aconteceu com a temática da transição capilar, bem como os demais apontamentos acerca do tema.

CAPÍTULO II

PARA ALÉM DOS FIOS E SUAS TEORIAS

2.1 Cabelo, Racialidade e a Educação

Cabelo. Várias formas, cores e texturas, cada um possui seu significado, indo além da função biológica e carregando um simbolismo, contextualizações. E quem diria que seria ele o objeto principal de uma enorme corrente de documentos? Sim, ele se tornou um símbolo de luta, de igualdade e de força. O crespo, de forma particular e de acordo com Nádia Regina Braga dos Santos (2015), esteve presente em várias eventualidades. Nos anos 60, era símbolo de resistência. Com os cabelos naturais, mulheres e homens questionavam sobre a mudança da estrutura dos fios crespos para o liso. O movimento apareceu com força total nos Estados Unidos, mas, com o passar do tempo, as questões defendidas por ele foram abafadas, e acabou se ocultando.

De acordo com Domingues (apud Santos, 2015, p.13), isso ocorreu por haver uma separação dentro do próprio movimento. Uma pequena parte ia além das imposições sociais e capitalistas, discutiam-se a fundo todos os problemas sofridos pelos negros, mas a maioria se dedicava especificamente à questão racial sem ligá-la a outros assuntos, como a econômica e a política.

Segundo Santos (2015), na França assim como nos EUA, os trabalhos do Negritude, precursor do movimento Black Power, alcançou somente os intelectuais. No Brasil que enfrentava a ditadura militar, o movimento se apresentou apenas como um estilo da moda, baseado nos cabelos volumosos, roupas coloridas e no *Soul Music*. “Assim houve um rompimento da relação entre a estética, política e a resistência feita através dos Blacks à hegemonia da branquitude, e os cabelos se homogeneizaram novamente na cultura do alisamento” (HOOKS, 2005, p. 3 apud SANTOS, 2015, p. 15).

No Brasil, por exemplo, há uma naturalidade em modificar o cabelo afro, assim ele é passível de transformações. Ele, por muito tempo, era (ou ainda é) moldado desde o nascimento da criança. Assim, tipicamente, viam-se crianças e jovens recebendo os diversos procedimentos químicos em seus fios para que já se encaixassem aos padrões sociais. Para Santos (2015), isso ocorre com naturalidade porque o Brasil possui como base o embranquecimento. O embranquecer no país é tão intenso que no lugar do negro, muitos meios de comunicação e indústrias apresentam o mestiço:

Há um rompimento na linha da identidade coletiva geral: o branco não se reconhece no “outro” e vice-versa. Logo, estabeleceu-se um conflito na identidade individual do negro, por causa de sua autonegação. Mesmo com a miscigenação racial, a identidade africana sofreu das mais disfarçadas a amplas alterações e intolerâncias, principalmente atreladas ao corpo (KING apud SANTOS, 2015, p.5).

Observa-se uma negatividade aos fenótipos do negro. O que lhe remete é assimilado como ruim. Por isso, o cabelo, já de início, é o primeiro a receber intervenções. Tradicionalmente esse discurso é comercializado pelos salões de beleza e, não diferente destes, pela mídia.

Não é somente a mídia a responsável pela perpetuação do preconceito, mas está nela, por exemplo, o racismo oculto. Ele traz consigo um conformismo da inferioridade “anexado” às cenas de seus produtos. Apresenta o quadro com normalidade, mesmo sendo ele carregado de discriminação. Relativo a esse fato, Sodré (apud MATOS, 2015, p.24) destaca, assim, quatro pontos: o primeiro é a ocultação do racismo; o segundo é a maneira que a cultura negra é apresentada, sempre silenciada e carregada de negatividades, suas colaborações à cultura do país não são reconhecidas, o terceiro são as representações baseadas apenas em uma realidade padronizada; e o quarto é a clara padronização étnica de profissionais nos meios de comunicação. A situação sendo grave e tão evidente levou o governo a elaborar o Estatuto da Igualdade Racial em 2010. “Além disso, no projeto original havia as propostas de defesa dos direitos das comunidades quilombolas, proteção de religiões de origem africana e cotas para participação de negros em produções televisivas, cinematográficas e publicitárias” (MATOS, 2015, p. 26).

Flávio Santiago (2014) aponta que isto ocorre desde a infância nas próprias instituições de ensino. O pesquisador que analisou a hierarquização e racialização das crianças negras em um CEI (Centro de Educação Infantil), em Campinas-SP, elucida que os indivíduos e sua forma de vida são determinados pelas condições impostas a eles.

De acordo com o autor, no modelo estrutural da sociedade hierarquiza-se o poder. Na infância as crianças já vivenciam essa divisão e recebem também o processo de subjetivação. Guattari (apud SANTIAGO, 2014, p.7) afirma que essa subjetivação os enquadra de forma devida na sociedade à qual lhes pertencem. Na formação, segundo Santiago (2014), os pequeninos, como ele mesmo nomeia, recebem informações e uma educação que mostra a “tradutibilidade dos códigos sociais”, que é o que ensinará as

relações a serem estabelecidas entre os indivíduos. De acordo com Bhabha (2007, apud Santiago, 2014, p.8), nisto ações e discursos do colonizador são repassados construindo o sujeito moderno “com uma nacionalidade, um gênero, uma sexualidade, uma raça e uma única cultura” (SANTIAGO, 2014, p.8).

A infância é socialmente vista como uma folha limpa. Lapidam-se as crianças para que elas aprendam a viver em comunidade. O autor traz para esses métodos o nome de adultocentrismo. Segundo Santiago, (2014) esse processo é pertencente ao ocidente. Nele os adultos oferecem para os pequeninos regras de comportamentos e de convivência. A exigência da ordem é persistente, pois enxerga-se na criança um pequeno adulto.

O sistema de formação estabelece a regra de ensino e reprodução em que a criança, socialmente vista como um adulto em construção, é introduzida em diferentes instituições que, ao fim, as moldam semelhantemente aos seus formadores. Trabalhando a educação dos pequeninos baseado no “copiar e colar”, as culturas infantis, assim como as culturas adultas, apresentarão semelhante relação de poder que Santiago (2014) aponta ser parecida até nas formas de tratamento entre os sujeitos.

Para Santiago (2014), os corpos infantis recebem aspectos por meio dos diferentes signos sociais que os cercam. Os professores participam desse processo ao oferecer ainda um ensino estruturado em disciplinas que permitem a hierarquização social.

De início, em sua pesquisa, Santiago (2014) já constatou que há um tratamento diferenciado entre as crianças brancas e negras. Nas falas das docentes, o pesquisador percebeu o racismo naturalizado que várias vezes impera no discurso dos trabalhadores da instituição. Além disso, o pesquisador constatou que a palavra “negro” era pouco mencionada e sempre substituída por termos como “pardo” ou “moreninho”. Mesmo que boa parte dos pais registrassem nas fichas de matrículas que consideravam seus filhos negros, as educadoras evitavam usar esse termo por ele ocasionar um desconforto no ambiente.

Hasenblang (SANTIAGO, 2014, p.22) afirma que o branqueamento supõe uma solução rápida ao problema racial. Estabelecer essa situação não oferece, porém, uma igualdade entre as raças. Fernandes (apud SANTIAGO, 2014, p.23) explica que essa substituição de palavras apenas “cria elementos de sustentação de uma hegemonia da raça dominante, que tem por objetivo manter o equilíbrio das relações raciais e assegurar a continuidade da ordem colonial”.

Bento (2012, apud SANTIAGO, 2015, p.23) esclarece que o embranquecimento aparenta uma homogeneização racial que só mascara a situação e promove a ocultação das culturas não europeias. A impossibilidade de reconhecimento do patrimônio cultural negro na educação infantil gera um vazio, um buraco, que é preenchido por um eurocentrismo marcado pelos princípios de embranquecimento:

O ideal de embranquecimento se utiliza da desvalorização e negação da cultura negra atrelada à inculcação de padrões e condutas socialmente valorizados no meio dominante para se impor, criando diferentes elementos simbólicos que contribuem, justificam e reproduzem as sanções determinadas por uma elite racial branca colonizadora. Os/as negros/as pequeninhos/as permanecem sempre condenados/as a um mundo que não se organizou para tratá-los/las como seres humanos e como iguais, sendo imposto a eles/elas um branqueamento moral, cultural, subjetivo (SANTIAGO, 2014, p.23).

Não enxergando sua representação, a criança buscará a imagem do outro. Ela, além de buscar, terá que se adequar a essa nova imagem, e socialmente será ensinada para isso. Para Santiago (2014), mesmo havendo leis que determinam discussões e atividades nas escolas para que o embranquecimento e outros aspectos não ocorram, ainda vivenciamos uma pedagogia fascista que busca ensinar a que lugar cabe cada sujeito.

A racialização, para Santiago (2014), ao mesmo tempo que identifica também promove uma repartição. O autor aborda a racialização para mostrar como esse processo se formou na sociedade e estabeleceu hierarquias sociais. Nela há uma relação de poder e resistência:

Neste sentido, ao mesmo tempo em que se produz uma racialização, se cria uma força de repulsão deste processo, seja através de modelos naturalizados pela sociedade enquanto movimentos de resistência, seja por ações intersubjetivas de negação da ordem prescrita e da normatividade apresentada (SANTIAGO, 2014, p.51).

Santiago (2014) explica que no século XIX as Ciências Biológicas fizeram das raças um objeto de estudo, nele o foco era analisar a hereditariedade e os genes. Porém, após as guerras mundiais, acentuaram-se as divisões dos grupos sociais: “tornou-se uma categoria frequentemente utilizada para classificar indivíduos e coletividades, por meio da qual procura-se distinguir uns e outros” (IANNI apud SANTIAGO, 2014, p.59)

Para Louro (SANTIAGO, 2014, p.55), com o decorrer do tempo, o indivíduo pegará como sua a posição que lhe foi estabelecida. Isto faz com que as crianças

aprendam sua categoria racial e peguem para si a significação que esta categoria representa. Segundo Santiago (2014), em 1980 as pesquisas realizadas em Centros de Educação Infantil já confirmavam as desigualdades entre os cuidados das crianças de raças diferentes. Além disso, a pesquisa mostrou que boa parte das crianças negras não aceitavam suas características desejando, por exemplo, cabelos lisos.

Os estereótipos também estão presentes no processo de hierarquização racial. Eles agravam a situação e propagam consigo discursos de ódio e preconceitos. Os órgãos responsáveis pela educação procuram atualmente desmistificar várias problemáticas acerca da religião e cultura afro-brasileira, por exemplo. Mesmo com essas conquistas⁵, ainda há bloqueios que não possibilitam a presença desses conhecimentos em sala de aula. Para alguns professores, debater o tema ainda não é visto com a seriedade necessária: “a negritude, dentro dessa percepção, é algo ínfimo, desnecessário, não existindo uma necessidade de valorização” (SANTIAGO, 2014, p.61).

Sabe-se que as instituições de ensino no Brasil precisam se adequar, em diversos parâmetros, para que os alunos tenham realmente um ensino de qualidade. Ainda é necessário o aprimoramento dos educadores, que eles necessitam observar que seu aprendizado sobre diversos temas soma à educação. No entanto, como Santiago (2014) salienta, os assuntos étnicos nas instituições andam a passos lentos. Em algumas, o assunto só entra em pauta na data em que se comemora o dia da Consciência Negra em 20 de novembro, e mesmo assim não é apresentado e discutido com relevância.

Santiago (2014) explica que muitos professores não percebem que a educação emancipatória das relações étnico-raciais não é apenas comentar sobre a história de uma etnia que ficou à margem dos acontecimentos. É relatar e dar evidência a algo que se fundamenta como uma política de reconhecimento da diversidade. É a procura por rever preconceitos internalizados já na formação dos pequeninos, é superar as desigualdades étnico-raciais presentes na sociedade.

Por mais que se enfrentem hoje vários bloqueios para que não se execute o que as Diretrizes mencionam, não se pode usar isso como barreira. Para Santiago (2014),

⁵De acordo com Santiago (2014), ações políticas contra as diferenças raciais já possuem uma regulamentação nos currículos oficiais que regem os conteúdos a serem lecionados nas escolas brasileiras. Elas exigem mudanças em diversos patamares. Dos conteúdos presentes nos livros didáticos à própria formação do professorado. Há leis tanto no âmbito municipal quanto no federal, para garantir o direito a um ensino que promova e respeite as contribuições de matriz afro-brasileira. O combate às formas de discriminação e preconceito também é abordado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Neles há pontos tanto sobre raça quanto sobre gêneros. Porém a execução dos conteúdos exigidos ainda não ocorre em boa parte das instituições.

educar é uma atividade de construção, é nela que se oferece um olhar que sai do único para os diversos modos de pensar.

A racialização permite que se colonize os corpos. Ela realiza o “mecanismo abstrato”, termo que Sartre (SANTIAGO, 2014, p.84) usa para descrever a ação que ao mesmo tempo se faz presente e visível aos colonizados, porém passa e se desenvolve na cultura e na política de forma naturalizada. Santiago (2014) ressalta que quanto mais ocorre a exigência, mais se aflora a resistência. Aprender com os pequeninos é perceber o que eles expressam em suas ações e falas.

O Ministério da Educação, mesmo promovendo meios para informar os profissionais sobre parâmetros que regem uma educação de qualidade, ainda não consegue alcançar de forma qualificada os pontos que busca elucidar.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana destacam, segundo Santiago (2014), três princípios ao salientar a importância da educação das relações étnico-raciais: o primeiro é a consciência política e histórica da diversidade; o segundo é o fortalecimento de identidades e de direitos; e o terceiro, a ação educativa de combate ao racismo e à discriminação. Os princípios procuram mostrar que a discussão não pode ser limitada a um grupo, ela deve ser compartilhada a todos.

O autor observou em seu trabalho que o sistema educacional explicitamente organiza o ensino para o eurocentrismo, repassando ainda uma educação que esconde as contribuições das demais culturas ao Brasil. Isso, por meio de diferentes linguagens, resulta posições subalternas que já delimita alguns conceitos, oferece aos pequeninos suas “embalagens”.

Há na educação a destituição da negritude. De acordo com Santiago (2014), os estudos africanos entram em cena por volta de 1970, e já em 1990 ocorrem revisões nos livros didáticos, pois se notou que em muitas obras os negros representavam imagens servis e estereotipadas. A proposta das mudanças é apresentar a diversidade, é a procura pela não separação, pela não hierarquia das raças⁶.

⁶ Santiago (2014, p. 110) afirma que a "racialização penetra nas subjetividades das crianças pequeninhas negras e não negras de modo a estabelecer padrões e meios de interpretação do mundo. Este processo é construído interseccionado com outros marcadores sociais de diferença, não existindo uma fronteira delimitada entre a expropriação da humanidade de um sujeito com base na racialização e a construção de outros enquadramentos normativos relativos a estratificação de classe, ao sexismo, ao adultocêntrismo. Durante esse processo, ao mesmo tempo em que se fixa um padrão racial sobre um corpo são impelidas marcas de gênero, sexualidade e classe, construindo a ideia de que existe uma correlação direta entre um pertencimento racial e uma estratificação de classe e/ou a um comportamento direto de gênero e sexualidade”.

Segundo Cavalleiro (SANTIAGO, 2014, p.99), “esta compreensão foi se construindo a partir dos anos 1930, quando a educação escolar passou a ser compreendida como sinônimo de instrução”. É por ela que se constrói caminhos sobre uma nova percepção dos fatos:

Tendo em vista tais reposicionamentos e reformas educativas, o segundo artigo da Resolução Nº 1/2004 CNE/CP deixa explícito essas mudanças, ressaltando que esses posicionamentos políticos não se referem somente a conteúdos, mas também a ações de valorização da identidade (SANTIAGO, 2014, p.100).

É pelas práticas sociais que se constrói a educação, na interação é que o pequenino aprenderá e vivenciará as medidas propostas para as mudanças das ocorrências.

Entretanto, observa-se que a reiteração é negligenciada, estando apenas em documentos que as legitimam, como as leis e os pontos destacados nos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN'S, mas não as fazem ser corretamente executadas. Os assuntos étnicos-raciais ficam mais evidentes em redes sociais, projetos e campanhas online. As instituições de ensino ainda assumem o papel de figurante da situação.

2.2 Manifestos, Cabelo e a Web : os assuntos se conectam

O foco da comunicação, de certa forma, sempre está voltado em agradar determinado público e foi essa linha de pensamento que formulou e formula a criação de conteúdo na mídia. Atualmente, com as diversas plataformas, os conteúdos e os públicos estão se ramificando, hoje já encontramos por exemplo, programas online destinado exatamente a determinado público. O movimento de transição capilar surgiu por essa linha: saiu do geral e foi voltado ao específico.

Priscila de Medeiros e Tenaflae Lôrdelo (2012) elencam tópicos para explicar sobre o poder das novas mídias e suas contribuições para essas subdivisões, pois agora, com diversos meios para se comunicar, os elementos midiáticos promovem outros geradores de conteúdos que se aproximam muito mais dos indivíduos de forma particular, produzindo obras com temas antes não mencionados ou que nas grandes mídias passavam de forma irrelevante.

A internet trouxe a oportunidade de produções mais diversificadas, oferecendo a ao público a independência ainda que inicial dos meios de comunicações tradicionais. Há alguns anos com o monopólio das grandes redes, a relação de vantagens e poder

sobre a comunicação tinha apenas um guia, um tipo de representante que selecionava os conteúdos e os moldavam com padronizações. Lôrdelo e Medeiros(2012) nomeiam esses selecionadores, como os *gatekeepers*, que, segundo eles, são os que têm o poder de decidir o que ganhará ou não visibilidade pública. Van Dijk (MEDEIROS; LÔRDELO, 2012, p. 37), “destaca que essa centralidade propaga representações generalizadas e o silenciamento”.

Habermas (MEDEIROS; LÔRDELO, 2012, p. 39) afirmava que quando havia ações de interesses privados, estes eram os que ditavam o que os meios de comunicações⁷ divulgariam como falsa consciência, como se fosse o conteúdo produzido pelo público. Isso era apenas uma opinião pública elaborada e baseada em encenação.

Thompson (MEDEIROS; LÔRDELO, 2012, p. 42) explica que atualmente há mais acesso aos meios comunicacionais e a informações e que, por esse motivo, os selecionadores de conteúdo devem cuidar e ter cautela ao que pretendem transmitir, pois agora os conteúdos enfrentam outros avaliadores que podem mostrar sua visão sobre a produção.

Para Lôrdelo e Medeiros(2012), os dois pontos estão presentes atualmente. No entanto, mesmo havendo produções independentes e mídias pós-massivas, algumas contextualizações só recebem visibilidade concreta quando os veículos que as transmitem são realmente relevantes e estruturados para tais objeções. Assim, ainda há um número importante de assuntos que ficam à margem.

Os autores explicam que, baseado na teoria de esfera pública de Habermas, Wilson Gomes (2008) selecionou dois modelos em seu estudo. O primeiro é o que ele denominou como “esfera de visibilidade pública” e a outra de “discussão pública argumentativa”. A primeira volta-se à quantidade de informações produzidas e auxilia na construção do segundo ponto, já que por meio das discussões e aspectos elencados se formarão as opiniões. Com mais opiniões em pauta e com o avanço de novos meios de informações e de tecnologias, vê-se uma crescente mobilização articulada digitalmente.

Segundo os autores esses meios dão assim o espaço ao diálogo, eles abrem e proporcionam, ainda que de forma singela, que grupos desfavorecidos relatem e apresentem ao seu modo os conhecimentos acerca de suas visões, bem como passem as

⁷ Há, de certa forma, trabalhos contra-hegemônicos na grande mídia para que não haja apenas a perpetuação de um lado da moeda. No entanto, como se sabe, esses espaços são pequenos e esporádicos.

informações como teriam de ser contadas e não foram. Essas segundo Lôrdelo e Medeiros(2012) são algumas características inerentes ao ciberespaço que fizeram com que ele começasse a ser encarado como um ambiente comunicacional potencialmente mais democrático do que as mídias de massa:

É precisamente devido a sua diversificação, multimodalidade e versatilidade que o novo sistema de comunicação é capaz de abarcar e integrar todas as formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais (CASTELLS apud MEDEIROS; LÔRDELO, 2012, p. 40).

Com conteúdos produzidos para públicos específicos, o fluxo comunicacional no ciberespaço oferece novos ambientes para a apresentação e exposição. Segundo Manovich (MEDEIROS; LÔRDELO, 2012, p. 43), isso se elabora como variabilidade, aspecto atribuído à internet e pelas suas várias codificações, já que, enquanto os meios de comunicação tradicionais estabelecem uma ordem de elementos, a nova mídia oferece produtos colaborativos que expõem um leque de múltiplos temas.

Os novos modelos de informação apresentam-se, de acordo com os autores, como espaços potenciais de democratização da comunicação, pois, por meio deles, a liberdade de produção possibilita ter as esferas destacadas por Wilson Gomes (2008): a visibilidade e o debate público. Lôrdelo e Medeiros(2012) defendem que, com essa pluralidade, têm-se visões sobre determinado assunto que, circulando na sociedade, amenizam, de certa maneira, a centralização de poder de influência que os meios de comunicações de massa tradicionalmente possuíam. Além disso, com maior participação, os indivíduos se apresentam com frequência nas discussões e participações midiáticas, passando a descentralizar discursos e a serem os próprios propagadores de sua história e visão dos fatos.

Com o movimento de transição capilar sendo percebido, observa-se que, atualmente, tanto a publicidade quanto os grandes veículos procuram, a passos lentos, corrigir suas falhas. Matos (2015) reconhece que parte dessas conquistas se deu pelo movimento das redes sociais, que permite aos indivíduos deixar a passividade e iniciar suas próprias produções por meio de vídeos, fotos, sugestões, debates e avaliações de determinado conteúdo e produto.

Mulheres negras, por exemplo, passam a utilizar esses meios para dar visibilidade às suas causas. *Youtube, Facebook e Blogger* são apropriados por elas para

divulgarem métodos, produtos e demais orientações sobre o manuseio de seus cabelos, indo da transição capilar ao pós Big Shop:

Assim, construindo uma nova identidade, reconhecendo as origens e desenvolvendo laços sociais, internautas interagem por depoimentos, fotos, comentários, e-mails e compartilhamentos que na maioria das vezes mostram um aumento na autoestima. Para assumir um cabelo crespo ou cacheado, a mulher precisa reconhecer suas origens, aceitar-se desmitificando o padrão vigente (MATOS, 2015, p.39).

Esses novos meios de comunicar se tornaram uma forma de dar visibilidade a causas como o da transição de forma direta e rápida. Segundo Matos (2015), isso se iniciou em 1997 com os “weblogs”. Dois anos depois, eles passam a ser utilizados como plataformas pessoais, as pessoas passam a tê-los como diários ou a produzir neles os conteúdos que lhes agradam. Agora, os blogueiros noticiam informações e divulgam conteúdos de diversas áreas, como literatura e política. Com isso, seus leitores podem comentar e interagir diretamente com o produtor.

Com o passar dos anos, os bloggers se popularizam com o desenvolvimento da tecnologia, os consumidores ganham mais uma forma de expor seus conteúdos. O que antes só era divulgado pela escrita, agora se apresenta em vídeo. Fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim em 2005, o YouTube entra em cena.

O compartilhamento e divulgação da valorização do cabelo crespo pelo Youtube apresenta-se, de acordo com Santos (2015), no ano de 2009 nos EUA. O movimento, entretanto, só ganha força a partir de 2012 no país norte-americano. No Brasil ele floresce em 2014 quando a visibilidade sobre o assunto começa a ser vista nas mídias online e tradicionais e altas visualizações no Youtube mostram relevantes números.

A discussão e valorização do cabelo entrelaça-se aos outros problemas direcionados ao corpo negro, o movimento de transição mesmo observado por muitos jornalistas e sites afins, como moda, não é apenas uma tendência. O processo de valorização aos cabelos crespos é um ato político. Matos (2015, p.75), analisando a situação pelos bloggers, observou que neles:

Esse signo não é visto como algo somente estético, um ícone passageiro da moda ou um produto publicitário, mas sim como resistência contra o estereótipo imposto pela sociedade, e que consegue trazer pensamentos robustos sobre questões ainda mal

resolvidas no país como preconceito e embranquecimento (MATOS, 2015, p.75).

Mesmo falando-se de valorização do eu e das características do cabelo natural, o cabelo crespo ainda é o desviante. Ele sempre recebe dicas para se apresentar com cachos perfeitos e bem formados, excluindo, assim, sua característica natural. Na publicidade, há sempre outros tipos de cachos para representá-lo.

A não visibilidade desse tipo capilar e o preconceito visível na sociedade e no mercado o excluem em amplas modalidades, mostrando que mesmo após anos da libertação de pessoas escravizadas, lutas pelas igualdades raciais e muitas outras questões conquistadas pelos negros, ainda há uma pressão social negativa sobre o que o referencia.

Édila Maria dos Santos Matos (2015) observa que a europeização impediu a igualdade racial. Logo, o embranquecimento em vários países, implantou-se como regra na cultura e no meio físico. No Brasil a definição de raça baseia-se em quesitos biológicos.

O embranquecer promove nos indivíduos que não têm as mesmas características dos padrões, a insatisfação a sua identidade. Como explica Neuza Santos (1983, apud Matos, 2015, p. 18), “o irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro. Aqui, branco quer dizer aristocrata, elitista, letrado, bem-sucedido”. Tendo como espelho uma imagem socialmente negativa, as características físicas (pele, cabelo, traços faciais) são também detectadas como ruins, são relacionados à inferioridade.

“A falta de reconhecimento da raça, da cultura e do fenótipo diferente do outro se desdobrou em conflitos nas personalidades dos negros” (MATOS, 2015, p.19). A pressão à adequação de um único fenótipo acarreta problemas psíquicos que a autora denomina como a autodiscriminação negra. Esse problema é perceptível em várias situações, indo dos próprios aspectos do corpo à negação de outros pontos que lhes representam.

Sabe-se do colorismo presente na pele negra, mas basta observar a fundo para ver que a mestiçagem trouxe uma representatividade distorcida em que o negro de pele escura com cabelo crespo raramente aparece. Ele fica escondido atrás dos negros de pele clara e cabelos ondulados. A mestiçagem criou mais um quesito seletivo em que:

Em paralelo a um ideal de embranquecimento da população brasileira com a adoção de valores da aristocracia europeia pelo Brasil, que reforça uma hierarquia social também baseada na cor da pele, no formato do rosto e na textura dos cabelos. [...] Uma verdadeira nova categoria de indivíduos estava sendo estabelecida pelas autoridades brasileiras, e dentro dela os mestiços se aproximavam da “comunidade brancas (KING apud SANTOS, 2015, p.5).

Como um modo de valorizar a cor e características, os mestiços com cabelos ondulados passam a ser a representação negra no país. Com padrões capilares baseados no liso ou em cachos abertos e compridos, os indivíduos⁸ que não se encaixam buscavam (ou ainda buscam) artificialmente se assimilar. Eles encontram nas químicas agressivas a saúde, o refúgio para ser o que a representatividade midiática apresenta até então. No entanto, ao passar dos anos observa-se discussões em amplos aspectos e áreas chegando também à plataforma de vídeos e às diversas redes sociais.

Meninas e mulheres começam, nesse sentido, a transição capilar, processo em que se retiram os fios alisados, deixando apenas o cabelo natural. Esse método, por meio das redes sociais e plataformas de vídeos, em menos de uma década explodiu pelo mundo, de tal forma que obrigou várias marcas de cremes a se adequarem ao que elas exigiam. Claramente a questão do capital e lucro também se apresentou como um requisito. No entanto, os trabalhos desenvolvidos têm seu reconhecimento.

Para muitos, como destaca Santos (2015), falar sobre a identidade denota como um exagero ou uma crítica obsoleta. Mas a autora explica que, diferente do que se imagina, a identidade é algo em formação. Hall (apud SANTOS, 2015, p.7) esclarece, a identidade “permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada. Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação e vê-la como um processo em andamento”.

De acordo com Santos (2015), ao compartilhar ideias, o fortalecimento da causa se constrói e muitos têm a possibilidade de observar que nos cabelos naturais há a resistência e a luta contra o silenciamento que, por anos, negava os fenótipos do seu corpo e raízes.

No Youtube e em alguns blogs, a presença mercadológica de produtos e patrocínios direciona, às vezes, para o leviano. Para Matos (2015), esses pontos em

⁸ Denominados atualmente como cabelo tipo 4, na escala de estrutura capilar, o cabelo crespo é ainda o que mais sofre preconceito. As mulheres que os têm, relatam narrativas marcantes de discriminação e de ações para alisar o cabelo, tudo para fugir de denominações discriminatórias como cabelo “ruim”. É justamente este tipo de cabelo os que formam o verdadeiro penteado *Black*, logo, são eles um dos mais significativos símbolos de luta e resistência do movimento negro.

determinadas situações merecem mais atenção, mas em boa parte das produções o espaço dado à publicidade não sufoca o objetivo principal destacadas pelas vlogueiras⁹. A autora ainda destaca que com seu trabalho conseguiu observar pontos que precisam ser comentados. Como Matos (2015) explica, essas ocorrências só mostram que o caminho ainda é longo, e alguns aspectos ainda merecem ser revisados e (re)avaliados.

2.3 Antes de tudo, um breve relato sobre identidade

Atualmente, as discussões sobre representatividade e identidade estão em ênfase em vários âmbitos. Sobre isso, vale salientar a perspectiva de Stuart Hall, (2005) que apresenta toda uma contextualização sobre a identidade nesse momento pós-moderno. De acordo com o autor, as mudanças sociais influenciaram novos olhares sobre o próximo e sobre nós mesmos. Essa transformação ele nomeou de descentramento ou deslocamento do sujeito:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (HALL, 2005, p. 09).

Hall (2005) explica que as mudanças surgiram pelos questionamentos e observações. Percebeu-se que a identidade não é algo fixo. “O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemáticos (HALL, 2005, p.12). A compreensão sobre esse conceito se transformou, bem como a modernidade e o sujeito pós-moderno.

Hall (2005) sobre o sujeito, elucida três concepções: a primeira é sobre o sujeito do iluminismo, no qual a centralidade e a unificação ficam em primeiro plano. O individualismo é evidente nesse sujeito.

Na segunda concepção, o autor destaca o sujeito sociológico - as problemáticas em volta do “eu” se apresentam com as reflexões correlacionadas ao mundo. Nota-se que o social influenciará a formação, a interação mostrará que ora a cultura nos encaixa, ora nos exclui, ora nos molda para ser. “A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”- entre o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 2005, p.11).

⁹ Apresentadoras que realizam seus programas por meio de plataformas de vídeos atualmente usa-se mais o termo *Youtuber* já que é o *Youtube* a plataforma mais utilizada para esse modelo de produção de conteúdo.

Hall (2005) explica que mesmo ligado a uma estrutura, o sujeito se deligará dela, pois, ao sair das concepções arquitetadas ele se fragmenta. Assim, a terceira concepção apresenta o sujeito pós-moderno, aquele que não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. Como um texto que possui tópicos e subtópicos, esse sujeito está separando sua(s) identidade(s)¹⁰.

Sobre o movimento da sociedade, Hall (2005) explica que a modernidade tardia também terá sua participação sobre a identidade cultural, já que, com a interconexão, várias concepções são observadas e aprendidas. A modernidade rompeu a linha que a tradição social formava para a identidade. Hall (2005) observa isso como algo positivo, pois esse novo olhar modifica o conceito sobre a identidade, mas também oferece novas percepções. Segundo o autor, traçar noções sobre o homem moderno é uma atividade complexa, mas já se percebe que até o individualismo presente nele se renovou.

Com a modernidade promoveu-se o desapego do sujeito com seus pontos de formação. Raymond (apud HALL, 2005, p.25) afirma que isso aconteceu desde o Humanismo Renascentista do século XVI, mas a Reforma e o Protestantismo também possuem participação na libertação do pensamento do indivíduo inclusive na relação da economia e da política.

A indústria, por sua vez, ofereceu indivíduos com poder central. Os direitos individuais e as grandes massas fizeram com que as teorias do liberalismo passassem a se reorganizar e a pensar em como trabalhar o indivíduo e o coletivo.

O autor apresenta também a participação de outros pensadores sobre as mudanças em volta do sujeito. Descartes irá separar matéria e mente e o sujeito cartesiano será “racional, pensante e consciente” (HALL, 2005, p.27). Para John Locke, o sujeito será *sameness*, que, segundo Hall (2005), é o indivíduo que terá uma identidade contínua¹¹. O sujeito também é demarcado pela biologia de Darwin “a razão tinha uma base na natureza e a mente um “fundamento” no desenvolvimento físico do cérebro humano” (HALL, 2005, p. 31). Com a psicologia cuidando da mente e a sociologia do convívio social, teóricos como Goffman passam a se atentar ao

¹⁰ De acordo com Hall (2005) nas sociedades tradicionais o passado auxiliava a formação e se apresentava constantemente no presente dos indivíduos. Pela história se elaborava o sujeito que firmemente era moldado pelos rituais que o grupo tinha como essencial para seu desenvolvimento. No entanto, a modernidade modificou essa estrutura. As práticas sociais intervêm o processo. As sociedades com a modernidade se comunicam. E os conceitos que antes formavam o sujeito são reelaborados.

¹¹ Hall (2005) complementa que esse sujeito é o que se evidencia na sociedade, ao mesmo tempo que ele induz também é induzido, ao mesmo tempo que é sujeito ele é sujeitado, essa é uma das consequências estabelecidas pelo processo e práticas centrais.

comportamento do sujeito e como este é apresentado ou se apresenta nas diversas situações sociais.

Sobre o decentramento do sujeito, Stuart Hall (2005) destaca também cinco pontos. O primeiro é a reinterpretação sofrida no pensamento marxista: os homens agem pelas condições. O segundo é apresentado pelos trabalhos de Freud, já que este determina que o inconsciente e os processos psíquicos e simbólicos que direcionam a lógica¹². Esse pensamento “tira” a ideia que isso seria feito pela razão.

O terceiro ponto levantado por Hall (2005) são os estudos de Ferdinand Saussure sobre a linguagem. Para esse teórico, o sujeito não é autor do que fala. Ele utiliza a língua, porém “ela preexiste a nós”. No quarto ponto, o autor apresenta os trabalhos de Michel Foucault que destaca a participação das disciplinas na formação dos corpos, bem como as participações das diferentes instituições na construção desse sujeito.

O quinto elemento sobre a descentralização do indivíduo é focado nas lutas sociais. Para o autor, a busca pelos direitos das minorias mostrou que as identidades não são padrões, “eles refletiram o enfraquecimento ou o fim da classe política e das organizações políticas de massa com elas associadas” (HALL, 2005, p.44). Com a procura particular pelos direitos, os movimentos passaram a mostrar que as leis e demais conceitos teriam que ser destrinchados para não ocultar os direitos dos demais grupos. “Cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores” (HALL, 2005, p.45).

A identidade nacional também participa do deslocamento do sujeito. Segundo Hall (2005), as identidades não estão nos genes, mas agimos como se elas condicionassem o homem. Sem a identificação nacional o sujeito moderno sente-se sem subjetividade. A nacionalidade o encaminha para uma identificação, ela torna-se importante, visto que culturalmente o indivíduo adotará os ritos sociais presentes em sua localidade. O problema é que:

As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte

¹² Hall (2005) salienta que sobre essa interação do eu e o mundo, muitas teorias adotam apenas os estudos de Freud, porém, ele explica que Mead e Cooley sobre o eu interativo observaram que “ a socialização é uma questão de aprendizagem consciente, enquanto que para Freud, a subjetividade é o produto de processos psíquicos (HALL, 2005, p. 37) ”. Os estudos dos autores se corroboram com o observado por Lacan (1977) pois, de acordo com Hall (2005) o autor observou que a criança se espelha nas ações do outro. Ela imagina-se e acaba refletindo-se no sujeito mais próximo como, por exemplo, a mãe.

poderosa de significados para as identidades culturais modernas (HALL, 2005, p.49).

Esta fonte determinará apenas um modelo de cultura, com uma representação dominante os demais modelos serão ocultados. Com a homogeneização, “a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade” (HALL, 2005, p.50). As diferenças entre os sujeitos são categorizadas e encaixadas com significados diversos. Hall (2005) reflete que esse modelo será adotado no processo de alfabetização. Estabelece-se uma única língua, cultura e identidade.

Como o autor salienta, “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (HALL, 2005, p.51). As memórias embasam a formação do sujeito. Nesse sentido, o autor elenca cinco elementos que mostram como a narrativa da cultura nacional é elaborada e como sua significação é adotada no processo de identidade.

Stuart Hall (2005) define que primeiramente a narrativa da nação faz com que o indivíduo se veja nela, o pertencimento indica e direciona o significado e a importância. O segundo elemento é a ênfase nas origens, na continuidade. Determina-se que os elementos permaneçam imutáveis. O sujeito, assim como os de outrora, deverá seguir a tradição. O terceiro elemento é justamente essa invenção de tradição, pois a origem das práticas que passam a ser aderidas como ritual são usadas pela população. O quarto é o mito fundacional. Nele a origem histórica da nação, um mito ou uma história se torna a fundação. Só uma vertente da história é valorizada¹³.

Por mais que haja uma ideia de unificação cultural, ela se torna complexa, visto que não há um único lugar onde não houve a miscigenação. Segundo Hall (2005, p.62) “na Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações modernas são, todas, híbridas culturais”.

O autor explica que os processos classificatórios como a etnia também se perderam com a modernidade, uma vez que há um hibridismo na cultura. Para o autor, o conceito de raça também recebe reformulações. Raça, de acordo com Hall (2005), é uma definição discursiva, e não biológica. Ele reconhece que esse termo foi utilizado na biologia como uma forma de estruturar os estudos sobre o homem. No entanto, a abrangência do termo e seu uso nos estudos sociais distorceram os contextos. Como o

¹³ Pouco se sabe, por exemplo, da versão indígena sobre a colonização dos países da América Latina, pois os registros de escrita foram estabelecidos pelos europeus, os discursos deles são os que ainda se perpetuam nas falas, no Brasil ainda diferencia-se a população indígena olha-se para eles da mesma forma que os europeus os olharam, há ainda uma inferiorização, intelectual e social sobre os índios.

autor mesmo coloca, a utilização dos termos nos estudos sociais só é um “último refúgio das ideologias racistas”.

De acordo com Hall (2005, p.63), atualmente procura-se evitar o termo e as formas como se analisa as diferenças dos indivíduos, segundo o autor usam-se agora as definições culturais, como uma abordagem de observar as alterações, pois elas proporcionam a análise sobre o desempenho da raça e seu papel “nos discursos sobre nação e identidade nacional”. O autor explica que as sociedades modernas fogem das definições estabelecidas pelo termo raça, as identidades nacionais não conseguem representar todas – e nem poderiam – visto que o hibridismo cultural é constante.

Há um movimento que encaminha a um deslocamento da identidade parte disso tem a ver com a globalização:

A globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado (MCGREY apud HALL, 2005, p.67).

Com a globalização as pontes estão mais curtas, Hall (2005) explica que desde os anos 70 essa proximidade segue o ritmo de conexão mais intensa, isso resulta em uma desintegração da identidade. As proximidades locais e sociais¹⁴ mesclam os gostos, (re) constroem as ideias, como também passam a formar novas identidades e grupos.

A globalização desloca e coloca em contestação as identidades. Ela abre o leque de perspectivas que antes eram determinadas apenas de uma forma, “tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas”. De acordo com Hall (2005), já se analisa o efeito da “fragmentação cultural”. O compartilhamento e novos agrupamentos independem atualmente de os indivíduos serem da mesma região. As pessoas podem se identificarem e agruparem por múltiplos motivos.

Ainda há a procura de determinados grupos pela tradição, mas boa parte das sociedades já aceitaram (ou entenderam) que as modificações fazem parte da modernidade. “À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que

¹⁴ O espaço e tempo são pontos que também participam das influências sobre a identidade, visto que eles marcam uma época, marcam eventualidades. São os acontecimentos e o lugar que darão ao sujeito uma representação. A aceleração da globalização tem resultado imediato sobre as pessoas, os hábitos se modificam constantemente.

elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 2005, p.74).

Sobre a identidade e sua relação com a globalização, o autor também destaca a criação de novas identidades nos anos 70, e usa como exemplo o *Black*. Mesmo apresentando dentro desse conceito uma diversidade, o *Black* é observado como uma coisa só – os não-brancos. Segundo Hall (2005) por mais que haja as diversidades, elas se mostram apenas como diferentes do dominante¹⁵. No entanto, essa pressão só fortalece a resistência. “Pessoas afro-caribenhas e indianas continuam a manter diferentes tradições” (HALL, 2005, p.86). O autor afirma que:

O *Black* é, assim, um exemplo não apenas de caráter político das novas identidades [...] mas também, do modo como a identidade e a diferença estão inextricavelmente articuladas [...] uma nunca anulando completamente a outra (HALL, 2005, p.87).

As migrações constantes de vários povos também se somam ao deslocamento da identidade cultural. Essa “mistura” para o autor sempre ocorreu, já que não há uma nação pura. Mas, de acordo com o autor, hoje ela está ainda mais presente. Ele salienta que a interdependência global atua no duplo sentido, tanto nos países colonizados, quanto nos colonizadores, mesmo havendo o processo de independência das nações, elas permaneceram conversando e compartilhando influências. “Esta formação de “enclaves” étnicos minoritários no interior dos estados-nação do Ocidente levou a uma “pluralização” de culturas nacionais e de identidades nacionais” (HALL, 2005, p.83).

Hall (2005), nesse sentido, comenta sobre a tradição, a tradução e a transição. A esses aspectos o autor explica que ao conviver em outro ambiente diferente de sua terra natal, a identidade dos sujeitos se modifica. Alguns pontos tradicionais irão se transformar, pois ao conviver em um ambiente diferente, o indivíduo acaba por adotar outras características culturais. Acaba-se por traduzir de melhor forma essa mistura, a transição acontece nessa adaptação. As culturas híbridas são advindas desse acontecimento social, o duo passa a fazer parte desse indivíduo. O sujeito pode manter sua tradição, mas também negocia os seus vínculos com as novas culturas.

Mostrando como a identidade foi construída, o autor levanta a problemática sobre a forma que ela é abordada. Ao mesmo tempo que se valoriza ou marca traços da

¹⁵ Esse olhar também é dado aos asiáticos, aos latinos americanos e também aos africanos, suas diversidades são agrupadas e resumidas a estereótipos que os unem em uma coisa só, anula-se o multiculturalismo.

identidade em um indivíduo, estamos excluindo as outras possibilidades. Hall (2005), como citado anteriormente, identifica essa situação como racismo cultural, pois, ao se fortalecer a identidade, ocasiona-se uma defensiva que acaba construindo um absolutismo, que marca o que é ou não pertencente.

As discussões sobre a identidade a partir desses contextos se confirmam como necessárias. Hall (2005) elucida que devesse compreender que a própria utilização do termo é a primeira que merece correção, pois a palavra direciona ao sentido de que somos algo fixo e acabado, entretanto estamos sempre em movimento. Não temos uma identidade, mas sim a identificação.

2.4 As negritudes se separam: “elas devem ser livres para serem negras como quiserem”

Rogéria de Paula (2010) explica que ainda andamos em passos lentos sobre as discussões de racialidade. Segundo ela, as perspectivas já mostram outras ramificações que ainda nem beiram os documentos oficiais do âmbito educacional, no Brasil. E nisto o atraso mostra “a conta”.

A autora destaca essas informações por avaliar uma nova perspectiva sobre as discussões de raças. Paula (2010) defende que raça deve ser subjetiva e não algo moldado, imposto. “O conceito de raça não é obsoleto, não está em declínio. O que é obsoleto são os modos tradicionais e paroquiais de analisar a questão da raça” (WINANT apud PAULA, 2010, p.99).

A racialidade ao mesmo tempo que identifica uma raça e se propõe valorizá-la, também demarca apenas um tipo de identidade e uma única simbologia de representação. Ela seleciona outros aspectos sobre o indivíduo, o lugar, a profissão, os gostos culturais e outras ações sociais.

Atualmente, há na mídia certas apresentações sobre racialidade, no entanto, Paula (2010) elucida que as abordagens ainda são as mesmas de outrora. Os novos olhares a respeito das racializações ainda estão silenciados. Na racialidade, existem aspectos que merecem ressalvas, visto que atualmente é ela um dos agentes que atuam sobre a identidade. Giddens (apud PAULA, 2010, p.23) explica que “as distinções raciais representam mais do que formas de descrever as diferenças humanas – são também fatores importantes na reprodução de padrões de poder e de desigualdade dentro da sociedade”.

A reprodução dos padrões se construirá pelos discursos. Os discursos formarão os posicionamentos e estes atualmente demarcam as identidades. Entretanto, o mesmo indivíduo poderá escolher mais de um posicionamento. Paula (2010) explana que era essa a colocação de Wortham (2001) para quem o indivíduo nem sempre é passivo, ele pode, sim, ser o autor de sua própria posição pode ser agente do posicionamento contestatório.

Há uma soma de fatores que auxiliam na força dos discursos sobre os posicionamentos. Eles, juntos, desencadeiam resultados que podem guiar o sujeito a um modelo, mas também poderão fazê-lo resistir sobre o que lhe é colocado e, assim, reproduzir outras medidas, outras performances. E foi isso que a autora observou em sua pesquisa que teve como embasamento a análise das falas de cinco jovens negras.

As adolescentes da pesquisa não se viam representadas nas imagens que exibiam negras com o cabelo Black Power. A pesquisadora percebeu que, além disso, o discurso presente nos textos das revistas avaliadas também formulava outra identidade que levava a outros posicionamentos, com o qual as jovens também não se identificavam.

Para explicar a questão de racialidade, posicionamento e performances, Paula (2010) elucida fatos históricos que encaminharam para essas questões, como a participação do pensamento iluminista, que, ao mostrar uma nova perspectiva sobre o indivíduo, também trouxe uma nova construção da identificação do “ser negro” à sociedade. Essa construção foi fundamentada em algumas características e diferenças descobertas nos estudos da Biologia. No entanto, elas foram adotadas como regras. Por questões genéticas, colocou-se socialmente uma raça superior à outra.

Para resumir essa problemática, a autora cita como exemplo o cantor Michael Jackson, pois suas transformações físicas por problemas de saúde, bem como sua posição social, não interferiram em sua identidade: ele se considerava negro. No entanto, como a autora mesmo apresenta, para muitos jornalistas ele já não era visto dessa forma, pois os contextos da racialidade já não o selecionavam como negro. Em muitos textos, a autora observou a confusão entre a racialidade e os posicionamentos e performances do artista:

Nessa perspectiva, defendo que raça é uma performance. Isso significa que raça se constitui na situação em que uma pessoa interage com outra, em dado contexto social em que estão discursivamente posicionadas em relações de poder. Segundo a visão de performances de identidades, podemos inferir que, nos cenários em que nos

inserir na vida social, as pessoas constantemente fazem performances estilizadas, repetidas, que foram significadas, no senso comum, como próprias das negritudes, ou seja, ganharam substância de que se trata de práticas de pessoas da suposta “cultura” negra (PAULA, 2010, p.83).

Baseada na frase de Beauvoir, Paula (2010, p.92) explica que: não se nasce negro, torna-se. Ainda segundo a autora há uma estilização corporal que determina fantasias sobre o corpo, ou seja, “leva a uma representação do negro como sendo um tipo de pessoa muito diferente do branco, um tipo de pessoa que é regulada pelos sistemas de coerência de que há uma raça naturalizada e outra raça marcada – a saber, a branca e a negra (PAULA, 2010, p.92)”. O indivíduo negro será e terá uma falsa estilização que se apresentará com naturalidade em diversos tipos de mídia:

Esses corpos são fabricados nos discursos sociais de modo que os efeitos das fabricações os tornam corpos negros. Esses efeitos decorrem de políticas traçadas nas superfícies desses corpos de modo a controlá-los para que sejam vistos como diferentes. Em outras palavras, os atos, os gestos, as vestes, os penteados desses corpos estão ali dispostos e postos de sorte a criar uma ilusão de que haveria uma essência que organizaria a raça e essa ilusão se materializa nos discursos reguladores das raças sustentados nos discursos cotidianos (PAULA, 2010, p.93).

A autora explica que assim como o astro pop, muitos são os indivíduos que ficam no meio da ponte que direciona essas identificações. As estilizações sobre os corpos negros não permitem muitas vezes, que o indivíduo observe a que modelo de negritude ele pertence. Suas características não são ressaltadas, pois há sempre o mesmo modelo, eles destacam sempre as mesmas personagens. Por isso, há confrontos quando o negro sai de sua posição, posto que se modificam as regras da racialização, as mudanças o indeterminam.

Observa-se nas análises da pesquisadora que raça também é algo definido pela maneira que o indivíduo representará seus gostos culturais. Como se observa, não há apenas uma ou duas representatividades de negro¹⁶, há múltiplas representações. As negritudes nunca foram universais.

Paula (2010) apresenta que atualmente há uma variedade de produtos no mercado de cosméticos que apareceu não por seguirem o politicamente correto, mas por

¹⁶ Paula (2010) destaca três aspectos para refletir sobre as performances de raça: anatomia racializada, identidade de raça e performances de raça. Para a pesquisadora o indivíduo mesmo não sendo negro poderá apresentar as mesmas performances de negritudes. Anatomia, performance e identidade não se correlacionam como a sociedade determina.

observarem a mobilização econômica que a crescente classe média negra vem apresentando.

Nessa observação, a pesquisadora explica que há muitos produtos que oferecem um controle sobre os cachos ou que os ressaltam ainda mais. Porém, como ela mesma notou, “muitas pessoas se veem em um processo conflituoso de identificação. A mulher negra, por exemplo, vê-se desafiada a corresponder a uma identificação racial” (PAULA, 2010, p.125). Ela enfrenta um quadro de opções limitado que a todo tempo busca orientá-la, como se ela não soubesse responder por si.

Analisando os textos midiáticos presentes em revistas a autora notou que neles há uma necessidade de indicar performances. E nisto nem sempre há o respeito pelas diferenças. Assim, em grande parte das revistas haverá um modelo de negro que raramente beira ao negro de pele escura; o negro de pele clara é a representatividade mais vista e aceita. Nega-se que a feminilidade e beleza são multimodais¹⁷. “Práticas como as das revistas femininas exemplificam que corpos são racializados e significados nos discursos, construídos em relações de poder” (PAULA, 2010, p.152).

A autora relembra que há vários tipos de posicionamentos: ao mesmo tempo que as jovens da pesquisa concordaram sobre o modelo de representação negra que faltava na revista, elas também defendiam que há diversos tipos de representações (não é o modo de apresentação dos negros que as incomodou, mas sim as formas como ele foi colocado). Para as adolescentes, as intervenções estéticas também podem apresentar a personalidade e a vontade própria do indivíduo, o que lembra o posicionamento contestatório.

De acordo com Paula (2010), as adolescentes defendiam que suas alterações no cabelo não “as deixavam de outra raça” e elas não estavam tentando ser. As participantes da pesquisa concordaram em explicar que suas alterações nos cabelos aconteceram apenas por vontade pessoais, por se identificarem mais de uma forma do que de outra. As observações da pesquisa mostraram que atualmente muitos jovens estão engajados a apresentar novas práticas, uma reconstrução sobre as performances. Entretanto:

¹⁷ Segundo Paula (2010), ao mesmo tempo que raça é considerada um aspecto principal e pessoal, ela também age como acessório, pois não apresenta a realidade do sujeito. Sua participação e essencialidade ficam em primeiro plano em determinadas situações por ser ela uma forma de ressaltar aspectos significativos da genética, mas sobre as performances elas já não coincidem. Para Paula (2010) “ser negro é uma performance cultural, a raça não é uma noção estável”.

Ainda há transformações a serem feitas, espaços a serem conquistados e lutas a serem travadas para que as negritudes ocupem posicionamentos novos na sociedade. Performances novas, transgressivas, são como um visto no passaporte para novas racializações. Para tanto, o mais adequado seria advogar formas de mostrar orgulho pela raça (PAULA, 2010, p.284).

Parafrazeando a autora, “as negritudes devem ser livres para serem negras como quiserem”. Basear-se nas questões de raça como foram constituídas não permite que haja realmente a liberdade. O que se observa só é uma nova forma de se dizer a mesma coisa. Como a autora mesmo coloca, os negros hoje, ora seguem as “orientações” dos brancos, ora recebem imposições dos negros. Ainda há muitas opiniões sobre o que eles mesmos querem decidir. Seus corpos são vigiados constantemente. Paula (2010), como educadora, defende um letramento que possibilite a oportunidade de contextualizar essas problemáticas de forma clara e direta para que a autonomia do aluno seja elaborada juntamente com as novas questões que já se fazem presentes em nossa sociedade. Pois a vontade individual se sobressai à da coletiva, e a racialidade já se mostra imprópria para avaliar essa questão.

CAPÍTULO III

RELATO DAS ATIVIDADES NA PRODUÇÃO DA REPORTAGEM

3.1 As entrevistas

3.1.1 *Começando pela teoria: Cândida Soares*

Antes de realizar as entrevistas foram feitas as leituras do livro de Stuart Hall (A identidade cultural na pós-modernidade) e a tese de doutorado de Paula Rogéria (“Não Quero Ser Branca Não. Só Quero Um Cabelo Bom, Cabelo Bonito!”). Assim, observando os aspectos levantados pelos autores, vimos o quão ampla era a temática histórico-cultural sobre o tema. Era mais que necessário ter a voz de alguém que pudesse trazer embasamentos nas questões apresentadas na reportagem. Focamos, então, na linha de pesquisa de Relações Raciais da universidade. Antes de entrevistar a professora e coordenadora do Nepre (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação) da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), passamos a frequentar o grupo de estudos do professor Sérgio Santos para conhecermos um pouco mais das discussões. Fomos também ao coletivo negro conhecer o trabalho acadêmico dele no campus e também observar se haveria alguma personagem para nossa reportagem.

Além disso, Cândida Soares assumia um papel que também se assemelhava ao das meninas que iríamos entrevistar, ela também já havia passado por situações semelhantes e, claro, tem na instituição um espaço que ainda é conquistado por poucas. Observar sua perspectiva antes de realizar a conversa com as demais entrevistadas nos auxiliou a compreender melhor a perspectiva que queríamos seguir, bem como perceber algumas falhas nas perguntas destinadas a elas. A professora também cobriu algumas entrelinhas que não havíamos percebido, como, por exemplo, que as conquistas de hoje acontecem pelas lutas de outrora.

São lutas diárias em vários âmbitos que, juntas, resultaram em objetivos hoje alcançados, que ainda estão em desenvolvimento para melhorar, mas já somam em conquistas como a conscientização e orgulho de meninas e jovens negras aos fenótipos de sua raça e principalmente ao posicionamento sobre seu corpo. Cândida, além disso, mostrou o quanto a própria universidade se fecha para a temática e o quanto professores e demais colaboradores da instituição enfrentam diariamente a necessidade de mudar muitas perspectivas na própria universidade.

3.1.2 Larissa Santos

Coincidentemente, quando passei pela transição capilar, Larissa acabara de realizar o grande corte no cabelo. Durante três anos, a cada dia que a via pelos corredores, pude observar seu cabelo crescer e, claro, sua representatividade e mudança de estilo tornando-se ainda mais presente e notável.

O que surpreendeu ainda mais foi sua história e relação com sua mãe, fato que não sabia e que também me fez refletir sobre essa relação de mãe e filha. Ambas se redescobrirem¹⁸ e passaram a ter choque de culturas e opiniões sobre o mesmo “objeto” foram pontos levantados no trabalho.

3.1.3 Isabela Silva

Vulgo *Carioca*, também foi observada diariamente pela repórter, era impossível não notá-la. A jovem iniciou sua transição nos iniciais semestres da universidade, tudo seguindo um passo a passo: cabelo liso, cabelo com tranças e de repente o cabelo natural. Pudemos observar como sua mudança exterior era advinda de uma nova essência que aflorara. De tempo em tempo via-se o engajamento da entrevistada em vários eventos e movimentos desenvolvidos na instituição.

Poder observar a mudança ajudou muito na ora de demarcar quem iria entrevistar ou não. Todas apresentavam um tipo de representatividade e cada uma delas abraçava a causa e de forma indireta fortalecia a mim e a pauta escolhida, pois lá (no bloco do curso) observei que não era a única, e a cada entrevista realizada notei que as razões para apresentar o tema só se fortaleciam, os motivos aumentavam.

¹⁸ Nesse caso, a redescoberta da mãe de Larissa como as de Annie e Isabela Morais acontece porque agora elas se veem com filhas com cabelos cacheados, sem alisamento e sem a textura que antes elas usavam e que se assemelhavam com os das mães.

Isabela também se assemelhava muito com a minha história sobre o cabelo, principalmente sobre a questão das feridas na cabeça e todo o mal-estar que vem junto com a longa rotina de químicas. Ouvi-la falando sobre o cansaço em realizar os procedimentos me fez rever também minha história com esses procedimentos.

3.1.4 Monique Flogliatto

Essa entrevistada, em particular, entrou na reportagem para mostrar a essência da transição. Mesmo não a concluindo, a jovem mostra que o foco do movimento é a pessoa se aceitar e entender que a relação sua com o cabelo deve ser algo pessoal, e não algo social (advindo da opinião dos outros). Além disso, ela mostra que a decisão sobre o corpo ainda recebe muitas ressalvas e que não é só flores como muitos querem demonstrar.

As falas da jovem mostram como a delimitação de “padrões” estabelece conflitos, pois em transição ela não sabia que rumo deveria seguir. Ao mesmo tempo que buscava sua representatividade, observava que a luta deveria ser feita com vontade. Seguir por seguir não a completava, apenas a guiava pelo mesmo caminho: “acompanhar porque outras também acompanhavam”. Por Flogliatto, mostramos que realmente a relação com o corpo é, e deveria ser algo particular.

3.1.5 Annie Lima

Foi a entrevistada encontrada por acaso. Observar sua história, que também possui a problemática de não aceitação da mãe, foi um dos motivos pelos quais a selecionamos. Annie, no entanto, veio para o texto por destacar o fato da ação do cabelereiro a sua explicação sobre o novo corte. Para algumas pessoas, “a regra é clara”: quanto mais perto dos fenótipos negros mais as chances de você receber ou ouvir represálias. Por ela, foi ofertado ao leitor essa perspectiva.

3.1.6 Isabela Morais

Por meio de Larissa, consegui o contato da penúltima entrevistada. Isabela Morais, estudante do curso de Letras e com uma história semelhante à de Larissa,

também enfrentava a mãe para assumir sua representatividade. Sendo filha adotiva, era o único “girassol em meio as rosas”. Assim, como a entrevistada mesmo explicou, o racismo docilmente presente marcava seu dia a dia tanto na escola como na convivência com os demais familiares. Isabela Morais foi escolhida por mostrar atualmente ações firmes no coletivo negro sobre a temática, e com a sua mãe a jovem estabelece uma relação de ensino-aprendizagem diário para que ela compreenda as mudanças a que terá de se adaptar.

3.1.7 Neuza Batista

Sua obra era muito comentada nos eventos do Instituto de Educação. Particularmente ela era o resultado mais do que positivo de uma ação ainda única na cidade. Não encontramos outros autores cuiabanos que discorressem sobre a relação do ser humano com o cabelo e, principalmente, voltado a crianças. Desse modo tínhamos que entender a inspiração e o porquê da obra; afinal ela veio ainda antes do movimento de transição capilar e de representatividade se popularizar da forma como está agora.

Sendo assim, compreender o porquê da obra e um pouco mais sobre a autora fechava a nossa proposta de trabalho. Ter a voz de uma pessoa tão dedicada a esta e às demais discussões sobre raça, racismo e representatividade costurou com as demais personagens a teia do nosso produto final.

3.2 Procedimentos de pesquisa

Árduo, mas prazeroso, resume o desenrolar deste trabalho que já faz um ano de pesquisa e desenvolvimento. Entre leituras, vídeos, rodas de conversa e o tudo que poderia enriquecer o meu conhecimento sobre o assunto, a pesquisa foi se moldando ao resultado que se apresenta hoje. Mas, antes de tudo, vale comentar o seu começo.

Primeiramente foi a experiência da descoberta do meu próprio cabelo. Posteriormente, a observação sobre como fui obrigada há anos a me moldar a um sistema e corpo, ao qual eu nunca vou pertencer, e como os discursos que exigem essa expectativa destoam toda uma frustração por meio de propagandas que não observam o quão cruel estavam sendo e ainda são. Esse foi o impulso inicial para escrever o que desejaria destacar como pesquisa. O pré-projeto, então, foi a primeira ferramenta para fortalecê-lo, e para isso tive que levantar a leitura de artigos científicos que falassem

sobre o tema, o que não foi muito difícil, já que em outras regiões do país a transição capilar já é discutida.

Assim, com os trabalhos de Nádia Regina Braga dos Santos (2015) e Édila Maria dos Santos Matos (2015) tivemos as primeiras referências que guiavam a perspectiva que queríamos destacar, que agora seria voltada às jovens universitárias de Cuiabá.

Procurando mais profundidade tivemos o desafio de encontrar as discussões em âmbitos maiores, como em dissertações e teses, o que foi mais dificultoso, porém possível, e entre várias pré-seleções, escolhemos o trabalho de Flávio Santiago (2014) e Rogéria Paula (2010). O primeiro volta-se à discussão da relação entre a criança e o cabelo, o que já explica por que as crianças negras recebem tantos palpites e comentários sobre seus fios. O segundo trabalho já explana uma discussão ampla sobre corpo, identidade e representatividade, trazendo não apenas as discussões já presentes na sociedade, mas também novas (re)leituras sobre as temáticas.

Os autores usados foram selecionados por observarmos que cada um deles se encaixavam em nossa proposta, e a questão mais complicada foi combiná-los de uma forma em que o leitor entendesse as discussões que queríamos apresentar.

Como a função do jornalista é apresentar os múltiplos lados, não queiramos perder a essência e esse dever. Destacar tanto a importância de representatividade e identidade, mas também as teorias que já mostram que elas estão recebendo modificações, ficou como a tarefa mais complicada a se desenvolver. Bem como encontrar textos que discorressem teoricamente sobre a reportagem da maneira que desejávamos. Não porque não havia textos o suficiente para representá-lo, mas particularmente achamos algumas teorias vazias ao que queríamos aprender e passar.

Assim, pouco foi usado dos manuais renomados do jornalismo. Por coincidência ou não, os trabalhos em que nos embasamos são pesquisas atuais, produções que referenciam os textos primários, mas com uma nova roupagem.

No primeiro capítulo, por exemplo, utilizamos a dissertação de mestrado de Beatriz Magno (2006). A autora consegue elucidar a história da reportagem de um modo que nos auxiliou muito a entender todo o contexto de elaboração do produto que oferecemos. A leitura de Lage (2005) e Kotscho (2004) entra como base das discussões e está presente no texto em pequenas citações.

As leituras resultaram em fichamentos que logo se tornaram os textos elucidados nos capítulos. Com a vertente da pesquisa construída, elaboramos as perguntas para a professora e, posteriormente, para as demais entrevistadas.

Vale ressaltar que vídeos de blogueiras, como Ana Lídia Lopes e Rayza Nicácio e webdocumentários, trouxeram-nos visões de lados ainda não apresentados. Os assuntos elencados por esses meios nos auxiliaram em nosso enriquecimento sobre o tema.

Após elaborar a teoria, partimos para a escolha das entrevistadas. Com a seleção feita por meio das histórias que mais se encaixavam com a pauta, o agendamento das entrevistas foi realizado.

A procura em não oferecer a superficialidade de que tanto fugimos na produção da reportagem também era um quesito sempre lembrado. No final, percebemos que a temática é realmente carregada de pontos a serem explicados. Assim, concluímos que a reportagem teria um foco, mas as linhas de discussões estariam ali presentes e estas também mereceriam ressalvas e contextualizações, pois, se não as explicássemos, também estaríamos, ou informando mal, ou deixando de mostrar os outros lados da questão.

Além disso, havia a problemática racial e social presente em cada descrição do objeto. Assim, todo cuidado era pouco, desde o levantamento bibliográfico à elaboração das perguntas aos entrevistados, já que haveria a fala de especialistas e, claro, de entrevistadas que traziam consigo uma bagagem já marcada em relação ao assunto.

Costurar a proposta da pauta com o corpo que ela iria representar também foi um desafio, visto que toda a proposta do trabalho de conclusão de curso foi recodificada. Assim, para um corpo textual voltado à grande reportagem, a teoria específica sobre o assunto foi pesquisada, lida, reavaliada e reescrita.

A ausência da prática em construir textos dessa linha jornalística nos deu vários “empurrões”, visto que ainda tínhamos que nos atentar ao tamanho e escrita do produto e, ao mesmo tempo, conseguir explicá-lo com um texto relevante e a altura da temática. As correções e adaptações do texto exigiram, dessa forma, também a leitura não só de referências sobre reportagem, como a leitura delas para que observássemos o modelo desse tipo de texto.

3.2.1 A Seleção

Os modelos de estruturas e a forma de apresentar as vozes, também tivemos que aprender. Magno (2006) salienta que a reportagem é o gênero que ouve os humildes, ela destaca os invisíveis. A reportagem tende a agendar menos e relativizar mais, ela oferece espaço e possibilidade para vários pontos a serem destacados. A isso também nos atentamos e buscamos realizar. As entrevistadas, em sua grande maioria, eram jovens negras anônimas. No entanto, já atuantes em suas propostas de representatividade.

Elas são jovens que buscavam mais criticidade do que muitas de sua geração e, por mais que não fossem engajadas em grandes lutas, estavam e estão enfrentando as pequenas batalhas do dia a dia, em suas próprias casas, em suas salas de aula, nas ruas. Enfim, nas pequenas ações corriqueiras, lá estão de suas maneiras explicando aos ignorantes o porquê de suas mudanças, os seus entendimentos.

Com todas essas argumentações, percebemos que mesmo tendo em mãos dados da última (ou até mesmo única) pesquisa realizada sobre “A revolução dos cachos”¹⁹ das mulheres no Brasil, tínhamos que apresentar de uma forma que não ficasse apenas na futilidade ou nos quesitos de tendências. Sabia-se que a temática era reflexo de algo que há anos procura espaço. Sabia-se que por trás de toda aquela transformação havia a busca de um empoderamento que, mesmo tendo todos os motivos para já existir, era diminuído e excluído de boa parte dos meios que o pudessem representar.

Com toda a preparação, delimitamos o recorte da pauta e a escala de entrevistados para a grande reportagem à qual se chegou: mulheres negras, jovens universitárias de 18 a 28 anos que assumiram os seus cabelos naturais há menos de cinco anos. E, assim, elucidar os motivos e as motivações que floresceram essa mudança. A contextualização tinha que ser e estar presente em todo corpo do trabalho, e, por isso, leituras sobre o tema e sua ligação com as redes sociais não poderiam ficar de fora, bem como as elucidações de alguém mais experiente com a vivência e a temática. Foi de suma importância entrevistar Cândida Soares, professora do Nepre, não só por sua qualificação enquanto professora, mas também por sua posição social. A autora do livro de literatura infantil Neuza Batista, que, pela arte, fornece os princípios sobre a valorização racial, também foi relevante.

¹⁹ O relatório está disponível em <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/revolucao-dos-cachos/>.

Mostrar o outro lado do processo de transição também era uma tarefa a ser cumprida. Assim, para conhecer os outros lados da temática, destacamos as falas das entrevistadas sobre os momentos de quererem desistir, bem como da que desistiu, mostrando que o objetivo do processo de transição é, sim, aceitar-se, reconhecer-se e entender que, além do racismo, há uma objetificação sobre o corpo feminino que, muitas vezes, busca modelar a forma que as mulheres devem ou não ser.

3.3 Fotos

Boa parte das fotos escolhidas veio das próprias entrevistadas. Pela não familiaridade com a câmera, ficaram sob nossa autoria apenas as fotos da professora Cândida Soares e de Neuza Batista. As demais, como a foto da capa, foram disponibilizadas por fotógrafos que realizam trabalhos de ativismos nas redes sociais. E que, por coincidência, haviam feito trabalhos com nossas entrevistadas.

A escolha e seleção das fotos foram feitas entre a repórter e o diagramador, Aparecido do Carmo. Procuramos trazer as fotos que mostrassem as entrevistadas, mas principalmente os cabelos.

A foto da capa estava entre o pacote de fotografias oferecido por Maria Reis. Optamos pela de Roberta Rodrigues (que não faz parte do grupo de entrevistadas) por conciliar exatamente com o objetivo da reportagem. Assim, a foto da capa vem com a serenidade de Roberta Rodrigues entre as flores para contrapor ao título, explicando que “Encrespou!” atualmente não remete ao ruim ou ao complicado, mas ao belo, simples e delicado. O cabelo crespo, pela foto, mostra que é como as flores: só precisa da atenção e dedicação devida para crescer e encantar.

A foto de Isabela Silva foi escolhida pela profundidade do olhar e pela perspectiva trazida pelos cabelos com tranças. Vale ressaltar que trançar os cabelos está entre uma das fases da transição, já que com esse penteado a mulher pode realizar o período de espera do crescimento dos fios. E é exatamente essa fase que a foto de Isabela Silva aponta. Além disso, a fotografia é linda e possui uma composição de cores que conseguiu completar a página e texto. Ao meio do texto precisávamos de uma foto diferente das demais e com estilo mais sério para complementar o que estávamos argumentando. Nesta imagem encontramos isto.

A foto de Larissa Santos para o “antes e depois” foi selecionada por ser a que mais nos impactou com o resultado. Realmente a entrevistada teve uma transformação

muito significativa pela mudança capilar aparentando até mesmo ser uma outra pessoa. Achamos a melhor opção para demonstrar como é benéfica termos esta autoaceitação.

A foto de Monique Flogiatto também foi selecionada pela mesma perspectiva, a de esclarecer o que se argumenta. Ela traz o que a entrevistada mesmo fala, “a felicidade de ser e ter os cabelos como e do jeito que a mulher deseja ter”.

Pela transformação de Larissa Santos, trouxemos novamente ao corpo do texto, agora com foco no seu Black Power. A entrevistada ilustra as explicações de Cândida Soares sobre a importância de aceitação e representatividade na UFMT e isso completa a argumentação defendida na página.

3.4 Aspectos da diagramação

Aparecido do Carmo participou da diagramação da reportagem, e foi o escolhido por estar presente na construção desse produto desde o início do nosso projeto. Colega de classe na universidade, ele acompanhou as dificuldades e obstáculos enfrentados pela repórter. Tendo mais proximidade com a obra e, claro, mais habilidade com o programa de diagramação, ele se disponibilizou a auxiliar-nos, a organizar o texto e diagramar. Partiu dele a posição dos quadros da entrevista com Neuza Batista e do quadro explicativo sobre os termos da Transição Capilar para iniciantes.

Os outros aspectos, como os “olhos” e o término da reportagem por fotos e citações das entrevistas foram ideia da repórter. Os olhos foram citações que achamos interessante contextualizar e destacar. Já a conclusão da reportagem foi assim realizada por querermos trazer outra perspectiva, sair do padrão das reportagens que sempre só acabam em forma de texto. Queríamos dar mais visibilidade à opinião de cada entrevistada ou destacar, as que melhor argumentaram sobre a questão de transição capilar não ser moda.

3.5 Linguagem e escrita da reportagem

Para que a narrativa não se estendesse ou se perdesse da proposta estipulada, seguimos os três princípios de Cláudio Abramo (apud MAGNO, 2006, p.31). Abramo definiu como prioridade na reportagem três eixos na formação do texto, que são: a

observação cuidadosa durante a apuração, a narrativa articulada e o produto final com valor de documento.

Com abordagem de um assunto tão delicado, os eixos de Abramo (2002) foram essenciais, bem como os pontos elencados por Edvaldo Pereira Lima (2004) apud Magno (2006, p.34): **Contexto** - para explicar com clareza ao leitor a importância e relevância do tema; **Antecedentes** – para trazer o histórico e, assim, as problemáticas que deram origem ao fato; **Suporte Especializado** - é um dos principais pilares, pois a presença de um especialista sustenta a informação, evita falhas e dá base ao que se levanta no texto; **Projeção**- é o passo a se dar a partir do momento em que se escreve, seria uma forma de explicar o quadro futuro da ocasião, quais serão os desdobramentos; e **Perfil** - é a socialização a humanização deve estar presente junto com a construção do texto.

Ligar os pontos elencados foi como ler um mapa: sabia-se o caminho, mas não a maneira de percorrer o trajeto. E isso foi sendo construído aos poucos, assim como a aprendizagem sobre a forma de se elaborar a entrevista. Aprendemos, por exemplo, a importância da pontualidade, da antecedência em marcar as entrevistas, a essência de realizar perguntas diretas ao tema e o uso essencial do gravador, pois, com ele, o repórter pode prestar mais atenção às falas e, posteriormente, analisar melhor a entrevista.

3.5.1 Foco no leitor

Ricardo Kotscho (2004) lembra que o leitor tem que viajar junto com a leitura, e isso, ao mesmo tempo que facilita, também dificulta, pois que nível de conhecimento sobre o tema os nossos leitores teriam? O nivelamento se baseou pela observação sobre as falas dos familiares e amigos. Observamos o que foi notado por eles ou ouvido e lido sobre o tema, visto que, nesse momento, há muitas mulheres realizando a transição em Cuiabá.

Assim, baseando-nos em leitores que perceberam essa transformação, mas que a observavam apenas como uma novidade ou tendência, construímos o texto, focando em uma linguagem simples e direta ao tema.

A edição da reportagem combinou as diferentes disciplinas que tivemos durante o curso. Nela os conteúdos e práticas da universidade foram usados, e nisto percebemos muitas ações que ainda temos que aperfeiçoar. Aqui também deixo meu

agradecimento ao meu diagramador, que, pelos seus olhos, apresentou o resultado final como realmente eu queria mostrá-lo.

3.6 A experiência que fica

Toda experiência é válida, e essa, sem dúvida alguma, foi a mais atuante em nosso percurso enquanto estudante de jornalismo. No mais, percebemos claramente que jornalismo é algo vivo que respira constantemente mudanças. E o profissional deve se atentar sempre a novas perspectivas.

As dificuldades mais presentes surgiram ao realizar a prática principalmente nas ações de um repórter: no saber se colocar, guiar a conversa, em direcionar o assunto, em pausar o entrevistado, e fazer tudo isso de uma forma educada, sem perder o fio da conversa.

Outro quesito interessante foi o escutar e transcrever das falas. Nelas, coligamos algumas pesquisas e artigos extras já lidos, e compreendemos melhor a ação de unir o embasamento teórico e o fato. Eles, unidos, fortalecem a ideia da pauta. Seu trabalho torna-se um registro, vira um documento.

A experiência de reouvir as entrevistas foi um aprendizado único, pois aprendemos que, nesse ato, captamos muitos assuntos além do que almejamos. Prestamos atenção nas entrelinhas que, na hora das entrevistas, não foram notadas. Como na relação mãe branca – filha negra.

O recorte da pauta é o ponto de centralidade. Não podemos fugir disso, tanto para a escrita quanto para as demais atividades. Toda vez que agimos fora da nossa pretensão, lembrávamos de não fugir do foco. Confessamos que só escrevendo para perceber que, às vezes, a vontade de colocar valores pessoais é forte. Vigiar é de suma importância.

Essa experiência nos mostrou essas e outras medidas que devem ser praticadas na nova fase de nosso percurso, em que especializações e cursos de aperfeiçoamentos irão nos conduzir a melhorias quanto à estrutura textual e intelectual. E, sem dúvida alguma, a prática no mercado irá nos demonstrar pessoalmente a maneira que o “bonde” anda e, assim, a forma de realizar a mudança que tanto questionávamos enquanto estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tempos são outros, mas ainda trazem problemas de outrora. Assim, por esse trabalho, observamos que os traços preconceituosos contra os afro-brasileiros persistem na atual sociedade. Quais comportamentos têm reforçado isso e por que as características físicas do negro e o seu cabelo sofrem tantas ofensas? As elucidações e explicações são longas.

O branqueamento racial contribuiu fortemente para tudo isso, a desigualdade e a negatividade sobre os atributos fenotípicos do negro por anos foram direcionados por um lado da moeda, e assim adotado e inserido como verdade, dando-nos os mesmos posicionamentos, as características, os modelos de identidades e as exigências de modificação sobre os corpos. Mesmo com as atuais ações políticas sobre as relações raciais, ainda evidenciamos uma padronização que, silenciosamente ou não, apresenta-se implantada não apenas nas ações, mas em muitas falas e abordagens.

Em contrapartida, com os mesmos ou similares pretextos das buscas e lutas de outrora, refloresce no discurso de aceitação a ação denominada “transição capilar”. Ela, além das defesas sobre uma textura capilar, traz consigo questionamentos sobre a objetificação do corpo feminino, a ausência de representatividade tanto na mídia quanto em produtos e outras temáticas em que o branqueamento colabora muito para existir.

Dessa forma, apresentamos como Trabalho de Conclusão de Curso uma grande reportagem que explica a definição de transição capilar, bem como seu crescimento no país e a perspectiva de quem a adotou em Cuiabá.

Nos baseando em Lage (2005), Kostcho (2004) e Magno (2006) no primeiro capítulo do memorial, destacamos os motivos pela escolha do formato jornalístico “grande reportagem”. Com isso, ensejamos para o leitor uma rápida elucidação sobre a formulação e construção desse modelo de texto, explicamos os percursos e história do formato, bem como por que o selecionamos como a forma para apresentar o nosso trabalho.

Assim, com as contribuições de Paula (2010), Santiago (2014) e Hall (2005), fundamentamos o nosso segundo capítulo e nele discorremos sobre os aspectos raciais apresentados pela transição capilar, como também outras contribuições acerca do tema. No terceiro capítulo, explicamos como foi essa captação de dados e de entrevistas, bem como a elaboração e reformulação dos devidos aspectos textuais, de diagramação e captura de imagens. Nele há todos os relatos dos bastidores.

Apresentar um trabalho baseado em uma reportagem sobre um tema tão intenso foi um desafio a ser cumprido, não apenas pelas obrigações quanto às leituras necessárias, como também por todos os exercícios a serem executados: tanto na construção do produto final, como no memorial descritivo. Desse modo, é de suma satisfação conseguir apresentar aqui o resultado de um trabalho particular, que valida todo o esforço executado até então. Explicar os motivos presentes na transição capilar e contribuir com espaço de fala das meninas que o realizaram possibilitaram-nos também a elucidar e apresentar o tema, podendo mostrar ao leitor que a transformação dos fios vai além da mudança, ela tem contextos e significados mais intensos e importantes do que podemos ver.

Voltando ao percurso da construção da reportagem, deixamos aqui nosso agradecimento a todos que contribuíram com o desenvolvimento desta pesquisa. E agradecemos também pela valiosa experiência que nos mostrou um pouco das ações do jornalismo. Não apenas pela prática, mas também pelas leituras ao qual realizamos. Foi um dos exercícios mais complexos de executar em nossa carreira acadêmica, devido a técnica e aprimoramentos que tivemos que desenvolver e transmitir no resultado final da pesquisa. Deste modo, após ouvirmos as histórias, conhecermos outras perspectivas e realizarmos as devidas práticas, já podemos afirmar que de alguma forma, não somos mais os mesmos.

A proximidade com a teoria do tema também proporcionou direcionamentos e aprendizagens valiosos a nossa percepção, tanto no âmbito cultural quanto no intelectual nas duas perspectivas – a de mulher negra e agora de jornalista.

Visto que todo o trabalho permanece em contínua reformulação, percebemos que há ainda a exigência de haver mais trabalhos sobre esse e demais temas, pois ainda existe uma balança que apresenta medidas com fortes diferenças. A degradação dos corpos negros ainda permanece de várias formas, às vezes silenciosa, às vezes evidente, às vezes oculta ou reformulada, mas está sempre ali.

O que nos alegra é que, em contrapartida, surgem trabalhos que já evidenciam novas medidas sobre os pontos de racializações, que, como destaca Paula (2010), vêm com o intuito de trazer à tona os sentidos das raças como locais de construção dos significados que os sujeitos inventam sobre as pessoas e as interações entre elas em uma dada sociedade.

Assim, como a autora mesmo destaca, agora há um momento de reflexão sobre quem é e o que nos torna negro e negra. Isso nos oferece a oportunidade de não nos submetermos aos posicionamentos dados e impostos. Mais do que isso, podemos nos reinventar e, como Hall (2005) destaca, nos traduzir e também criar novas traduções.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, C.W., BELL, Emily e SHIRKY, Clay - **O Jornalismo Pós-Industrial** In: Revista De Jornalismo Espm Edição Brasileira Da Columbia Journalism Review, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102p.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2004.
- LAGE, Nilson **Teoria e técnica do texto jornalístico** / Nilson Lage, - Rio de Janeiro: Elsevier, 2005 – 7ª tiragem.
- LÔRDELO, Tenaflae da Silva; MEDEIROS, Priscila Muniz. **Novas Mídias: Lugar de Opinião? Lugar de Informação?** [artigo científico]. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/19846924.2012v9n1p34>>. Acesso em: 18 maio. 2017.
- MAGNO, Ana Beatriz. **A Agonia da Reportagem: Das Grandes Aventuras da Imprensa Brasileira à Crise do mais Fascinantes do Gênero Jornalístico**. Uma análise das matérias vencedoras do prêmio Esso de jornalismo. 2006. 168f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/6641>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

MATOS, Édila Maria Santos. **Cachear e Encrespar: moda ou resistência?** Um estudo sobre a construção identitária do cabelo afrodescendente em blogs. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/12124/1/2015_EdilaMariadosSantosMatos.pdf>.

Acesso em : 04 maio. 2017.

PAULA, Rogéria Costa. **“Não Quero Ser Branca Não. Só Quero Um Cabelo Bom, Cabelo Bonito!”** Performances de corpos/cabelos de adolescentes negras em práticas informais de letramento. 2010, 298 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269776/1/Costa%20de%20Paula%2c%20Rogeria_D.pdf>.

Acesso em: 12 maio. 2017.

PESSA Bruno Ravanelli **Livro-Reportagem: Origens, Conceitos E Aplicações.** [artigo científico]. Disponível em : <http://docplayer.com.br/372037-Livro-reportagem-origens-conceitos-e-aplicacoes.html> Acesso em 12 maio. 2017

SANTIAGO, Flávio. **"O meu cabelo é assim ... igualzinho o da bruxa, todo armado."** Hierarquização e racialização das crianças pequenininhas negras na educação infantil. 2014. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: < http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/319164/1/SANTIAGO%2cFl%3fvio_M.pdf>. Acesso em: 10 maio. 2017.

SANTOS, Nádia Regina Braga. **Do Black Power ao Cabelo Crespo:** A Construção da Identidade Negra Através do Cabelo. [artigo científico]. Disponível em: <http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/artigo_nadia.pdf>.

Acesso em: 01 maio. 2017.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p 51-61.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ANEXOS

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

LARISSA SANTOS - ESTUDANTE E PUBLICIDADE E PROPAGANDA DA UFMT

Com quantos anos você iniciou os processos com química no cabelo? E por quê?

Foi bastante cedo, com seis ou sete anos. Não foi uma coisa minha ou da minha mãe, foi uma coisa da minha tia, que interferiu e disse: vamos arrumar ela! Me levou no salão para que eu fizesse um relaxamento para “soltar os cachos”, mas, nisso, os cachos sumiram de uma vez.

Qual foi sua maior motivação para não fazer mais esses processos químicos?

Foi porque isso me custava muito caro de várias maneiras, não só em questão de dinheiro, mas também de tempo e saúde, que eu percebi que estava sendo influenciada pelos processos químicos. Não é um processo muito saudável de se passar. Demora bastante perceber. Depois percebi que eu não ganhava nada com isso.

Quando você iniciou o processo de transição? Houve apoio? Como foi? E por quê?

Meu processo de transição teve que ser uma coisa meio escondida. Eu me lembro que a última vez que eu alisei o cabelo foi para um evento de uma feira de beleza em Várzea Grande. Eu sempre ganhava muita coisa de salões, principalmente os de feiras que precisavam de cabelos afro e grandes para fazer algum tipo de apresentação para mostrar os produtos e etc.

Da última vez que eu fiz isso (alisar), eu comecei a notar que, por mais que tenha sido de graça, eu tinha perdido novamente tempo. Pouco depois, minha raiz tinha crescido de novo, e aí eu parei de alisar o cabelo. Isso foi em dezembro de 2015, um pouco antes de eu entrar aqui (na UFMT). E assim eu fui parando de alisar. Minha mãe que me perguntava se eu iria retocar, eu falava que tal dia eu ia, mas nunca ia. Até que um dia eu fui para o salão cortar, mas nada radical. Voltei com o cabelo na nuca e minha mãe ficou louca. Mas se eu tivesse pedido, ela nunca ia deixar eu cortar.

Eu até pedi para ela não ir comigo porque eu sabia que ela não ia deixar. Foi um processo que não ia ser aceito pela família, eu fiz sem eles saberem. Na minha família, eu fui a primeira. Minha irmã tem o cabelo com cachos mais soltos e, na concepção da minha família, ela tem um cabelo melhor.

Quais são as maiores dificuldades da transição?

Depende do que você está passando, do processo, da paciência. Você fica com duas texturas e tenta igualar, deixar tudo liso ou tudo cacheado, e se você não corta, então você tem que lidar com duas problemáticas: as texturas e as pessoas te cobrando para alisar o cabelo ou fazer alguma coisa porque você não pode ficar com o cabelo nessas condições. E se você corta o cabelo, aparentemente a questão se volta ao crescimento. Você corta o cabelo e parece que ele não cresce tanto ou não da forma que crescia. E quando você tem a raiz já aparecendo, você quer que ele cresça a qualquer custo.

Houve algum meio ou alguém que te inspirou?

Eu não me lembro de uma pessoa em si, mas eu lembro que isso estava muito forte em grupos. Quando eu percebi que meu cabelo era semelhante ao das meninas - na verdade, eu nem me lembrava do meu cabelo, só me recordava que ele era ruim. Quando eu iniciei a transição, eu não sabia qual a textura eu teria. E eu entrei em grupos nas redes sociais sobre vários tipos de cabelos e nesses grupos eu via muitas pessoas em transição e fazendo esses processos.

Atualmente, há alguma rede social ou cia que te auxilia ou auxiliou na captação de informação sobre a transição? Ou outros cuidados com o cabelo, qual foi?

No Facebook, vendo e lendo sobre o processo de transição, eu percebi o que elas passavam, eu vi que poderia passar por isso, sim, e passei sem dificuldades. O meu foi um processo bastante tranquilo. Atualmente, eu acompanho grupos, e não pessoas, porque eu acredito que no grupo você tem a disposição várias opiniões. Quando você segue uma pessoa acho que, até por gostar, você se influencia. Nos grandes grupos sempre há discussões sobre o cabelo ou outros temas, como grupos de maquiagem só para pele negra.

Na sua opinião, por que só nesse momento fala-se tanto sobre ter o cabelo natural?

Eu tenho uma percepção minha, um chute. Esse *boom* começou quando a Thaís Araújo fez uma personagem modelo que usava o cabelo assim. Se você perceber, uma modelo está acima de todo mundo. Além disso, ela era rica, tinha um cabelo todo natural, enorme, e eu me lembro das pessoas falando: “nela fica lindo porque ela é uma

modelo rica e, assim como qualquer pessoa rica e famosa, pode usar qualquer coisa que ninguém vai falar que fica feio”. E com base nisso comecei a ver muito mais pessoas com o cabelo dessa forma. Eu comecei a observar as pessoas incentivando o cabelo natural, mas tudo no âmbito midiático, de uma novela. Depois daquilo comecei a observar mais falas ou pessoas encorajando a ter os fios assim também. Observei linhas de cremes de marcas famosas. Acho que na mídia iniciou assim.

Para quem ainda vai fazer a transição, explique como lidar com a discriminação, as piadas sem graça e críticas, muitas vezes feitas pelos próprios familiares, colegas de trabalho e pessoas desconhecidas com relação ao cabelo crespo ou cacheado.

Eu acredito que isso é muito difícil. Quando eu saí do salão, parecia que eu estava foragida, não queria sair na rua de jeito nenhum porque tive medo de como as pessoas iam me olhar. Quando eu percebi que ninguém estava olhando, eu fiquei tão tranquila. É que lá o cara no salão usou um difusor e spray, eu não tinha nada disso em casa e não tinha noção de como eu iria cuidar do meu cabelo dali para frente. Então eu comprei tudo que fosse precisar, mas isso não é uma coisa que todo mundo consegue. Depois que você faz o corte, depois que você para de alisar e consegue observar a beleza em você, tudo fica de boa. Parece que quando eu saía na rua meio com medo, as pessoas nem me olhavam. A partir do momento que eu saí me achando, todo mundo ficava olhando com uma cara (os olhares são muitos), e não havia uma pessoa que tinha coragem de abrir a boca para falar algo. Até mesmo por falarem que “mulher negra é agressiva, vai me xingar”. A partir do momento que eles veem uma mulher negra assumindo o próprio cabelo e se sentindo bem, acredito que a pessoa perde um pouco dessa “coragem” (de ofender) porque tem que ter muita coragem para você interferir na vida do outro dando opinião que ninguém te pediu. Então, a partir do momento que eu passei a fazer isso, as pessoas ficaram um pouco intimidadas, e desde então os comentários vão só diminuindo. Tanto que quando acontece, eu nem sei nem mais como reagir.

Sei lá, a impressão que dá é que vou xingar a pessoa, e eu simplesmente não sei o que fazer porque comigo isso acontece muito pouco. Eu sempre tive a noção que, se eu passar a imagem de insegura, as pessoas vão ficar palpitando, e nessa parte a internet ajuda bastante porque, como eu falei, às vezes você tem que ver beleza e às vezes você não vê. Quando você está em transição, não tem problema procurar texturização, o que não pode é ficar escrava. Quando você está em transição e ainda não conhece o seu cabelo, texturizar ajuda para, de repente, cachear, frisar e fazer o que você quiser porque isso vai te ajudar a se sentir bem e isso vai te ajudar a evitar transtornos que não são visíveis.

Que tipo de preconceito você mais sofreu por ter cabelo crespo/cacheado?

Quando eu entrei na universidade já entrei com o cabelo cortado e já não tinha contato com ninguém que já me conhecia antes (só a família sabia). A impressão para eles é que eu usei o cabelo curto a vida toda. Eu penso que fiz isso no momento correto porque se eu deixasse para ter cortado aqui muitas outras pessoas teriam falado “porque você fez isso com o seu cabelo?”, “nossa, o que você fez?”. Eu observo isso com outras meninas, não aqui no curso, não sei se é por causa da área, que é Humanas. Eu observo que o pessoal do curso entende mais o porquê da transição. Então, quando eu entrei no processo de transição, eu não tive contato com outras pessoas falando.

Em poucas palavras, se cabelo cacheado não é moda Ele é.....

Não é moda, é genética. É uma coisa do seu corpo. Eu poderia falar que é resistência, a gente infelizmente tem que resistir. Mas a gente não deveria resistir a nada. Quando elas falam que é moda ou está na moda, eu respondo: não, ele nasceu comigo! Ele sempre foi assim, sempre esteve aqui. Não é um acessório que eu comprei e coloquei. Soa até grosseiro você falar que ele sempre esteve ali, mas elas é que não viam. Posso chamar ele de movimento cultural um movimento político, mas não consigo falar que ele é moda.

ANNIE LIMA ESTUDANTE DE JORNALISMO DA UFMT

Por quê e com quantos anos você iniciou os processos com química no cabelo? Você realizou os processos durante quanto tempo?

Comecei a alisar com chapinha aos 14 anos. Quando eu era mais novinha, acho que com uns seis anos, minha mãe já fazia relaxamento para deixar ele mais baixo. Dos 14 aos 19, eu realizei químicas mais avançadas. Quando eu iniciei a transição, eu nem sabia que estava em transição, foi uma coisa que eu fui deixando. Meu cabelo cresceu e eu pensava “depois eu faço”. Aí eu comecei a ver aquele um dedinho de cabelo, vi ele meio que enrolando, falei: “nossa meu cabelo!”. Deu aquela coisa, sabe. Então eu conheci umas meninas aqui na UFMT que tinham passado pela transição e elas falavam como é bom isso de não depender da chapinha para você não se sentir bem, para você se sentir bonita, você estar no churrasco e poder pular na piscina sem seu cabelo ficar aquela coisa estranha e me deu aquela vontade.

Não foi a primeira vez que eu havia tentado passar pela transição. Quando eu tinha 15 anos, fiquei cinco meses sem alisar, mas não sei se porque na época eu não tive incentivo. Eu não vi as pessoas fazerem, eu desisti quando estava com uns três dedos de raiz. Aí eu peguei e alisei, mas eu não sabia o que era transição na época, eu só queria voltar, mas eu desisti.

Qual foi sua maior motivação para não fazer mais processo químico?

Eu tive mais apoio das minhas amigas. Da minha família, nem tanto. Minha mãe não gostava e ficava meio assim, sabe. Meu irmão me apoiava. Minha irmã, tanto faz. Mas minhas amigas falavam: “ele vai ficar bonito, não desista”. Acho que foi mais das amigas mesmo, foi tudo gradativo. Tem um ano que eu parei de alisar. Em janeiro de 2016 eu cortei, em setembro eu parei de alisar, mas continuei passando chapinha. Quando ele chegou na altura do ombro, eu cortei.

Quando você iniciou o processo de transição? Houve apoio? Como foi? E por quê?

A dúvida de saber se o cabelo vai ficar bom, se eu vou me acostumar e até não apenas comigo, mas se quem convive comigo também ia achar legal. Além disso, é a paciência de você cuidar do cabelo durante o processo. Da segunda vez da transição, eu fiquei mais calma, pois via pessoas que já tinham passado, vi até blogueiras na internet que passaram pelo processo. Você vê que o pessoal consegue.

Teve, além das minhas amigas, algumas blogueiras, como Jessica Lopes e uma outra uma que mostrou o processo de transição todinho, bem quando eu passava também.

Houve algum meio ou alguém que te inspirou?

Instagram ou no Youtube têm várias dicas e receitas. Desde que eu passei pela transição, eu não fui mais no salão, só fui lá para cortar. E quando eu pedi para ele cortar, ele não quis cortar, e ele ainda perguntou se eu não queria repensar porque ia ficar muito curto. Então eu tive que molhar para ele entender que ia ficar grande o suficiente para ele cortar, para ele entender que o cabelo estava com duas texturas. Então ele cortou e nunca mais eu voltei. Nem para hidratar porque vai que eles colocam alguma coisa. Além de eu pensar que eles não sabem cuidar do cabelo porque eles estão acostumados com o cabelo liso ou alisado. Sempre tem isso da cabeleireira querer fazer uma hidratação que você não sabe o que tem no produto que poderá abaixar o volume

do seu cabelo, você não sabe se lá tem um formol, se tem uma química, então eu prefiro cuidar dele sozinha.

Na sua opinião, por que só nesse momento fala-se tanto sobre ter o cabelo natural?

Agora todo mundo tem mais voz, não só nas redes sociais, mas também a televisão mostra todo mundo que sofria com a opressão. Agora ela pode falar, ela vai ter alguém para ouvir e para compartilhar do mesmo sentimento, da mesma situação.

Que tipo de preconceito você mais sofreu por ter cabelo crespo/cacheado?

No meu caso, eu não posso afirmar que eu sofri algum preconceito por causa do meu cabelo porque eu vou estar mentindo. Não senti, mas eu tinha, sim, aquela questão do cabelo armado. Então uma coisa reflete na outra, mesmo eu não sendo negra. Foi essa situação sobre o cabelo crespo que chegou até a mim, que não era um cabelo bonito.

Como agora todo mundo passou a ter voz, todo mundo começou a militar, tanto que falam que essa geração é uma geração “mimimi”, mas falam que é “mimimi” porque hoje as pessoas se sentem incomodadas e elas falam, então acho que por isso veio mais à tona. Quando eu era criança, não chegava ser preconceito, mas aquilo de suas amigas terem seu cabelo liso e você não, sabe?

Para quem ainda vai fazer a transição, explique como lidar com a discriminação, as piadas sem graça e críticas muitas vezes feitas pelos próprios familiares, colegas de trabalho e pessoas desconhecidas com relação ao cabelo crespo ou cacheado.

Além de ter uma inspiração, seja uma amiga ou blogueira, alguém do tipo, porque com a inspiração você vê que a pessoa passou por aquilo e conseguiu, te dá força para terminar também. Além disso, é você procurar e cuidar muito do seu cabelo. Eu vi uma frase certa vez no Instagram: “você tem que passar pela transição, não para ter um cabelo cacheado, mas para ter o seu cabelo”. Porque as vezes você tem uma inspiração e você quer ter aquele cabelo mais solto, o tipo de cabelo que geralmente tem aquele com cachos mais soltos, mas aí seu cabelo não é de cachos soltos, ele é crespo. Então você tem que passar pela transição para ter ele natural, para ter o seu cabelo, e não o cabelo de alguém.

Em poucas palavras, se cabelo cacheado não é moda Ele é.....

Cabelo não é moda, é identidade.

CÂNDIDA SOARES

Professora e Coordenadora do Nepre

De acordo com a última pesquisa do Google Brandlab de 2017, a transição capilar, em menos de dois anos, aumentou 55% no Brasil. Se os cachos sempre existiram, por que agora estão em alta?

Esse espaço temporal, esse lapso temporal eu não saberia lhe dizer, mas eu entendo a vida e as mudanças como um processo. Nós vivemos em um país, em uma sociedade muito racista e o racismo afeta a vida das pessoas desde a mais tênue idade, e há momentos em que eu penso que as lutas, os movimentos de lutas, as informações, os conhecimentos acerca de si mesmo, da nossa realidade social, acho que é nesse processo que as pessoas também vão se informando, vão conhecendo, vão percebendo melhor o que muitas vezes ela só percebia de uma única percepção. Como se fosse uma moeda, e você visse apenas um dos lados.

Por exemplo, quando alguém tem uma manifestação racista e tenta me ofender e querer me atingir a partir da minha pele ou a partir do meu cabelo ou a partir de qualquer elemento que componha a minha característica física, é quando eu vou começar a entender que isso não é um problema meu. É um problema meu quando uma pessoa está sendo afetada, mas não é um problema meu enquanto causa dessa situação. Então eu começo a entender que existe um problema em uma sociedade. Em uma perspectiva mais acadêmica, eu vou começar a construir todo esse processo de entendimento de que existe um racismo penetrante na sociedade que orienta as práticas das pessoas que passam a julgar outras pessoas por características a partir de uma referência e do referencial de características físicas que são consideradas valorizadas ou não por isso.

Começo também a tomar atitudes políticas ou politizadas em relação, por exemplo, ao tipo de cabelo que eu vou usar, que pode muito bem ser chamados de moda, mas, para mim, não, porque moda é transitória. Para mim, o cabelo é algo tão importante enquanto ser humano, enquanto pessoa, enquanto mulher, quanto ao olhar de quem está olhando de fora, de outro lado, para minha direção. Então, quando eu assumo o meu cabelo, de alguma maneira, eu também estou me impondo sobre aqueles que estão dizendo que meu cabelo é ruim, meu cabelo é feio, colocando rótulos negativos no meu cabelo e eu estou assumindo minhas características e eu estou também me contrapondo a esses rótulos.

Em 2016, um estudo da marca Dove mostrou que no Brasil mais da metade das meninas cacheadas entre 5 e 6 anos acreditam que seriam mais felizes se tivessem cabelos lisos. Por que essa ideia é formulada, mesmo tendo no país um número tão expressivo de pessoas com cabelos cacheados e crespos?

Se você pega os dados oficiais, os negros são mais de 50% da população. Mas se você pega uma dimensão do pensamento social de como se construiu a ideia do ser negro e a ideia do ser branco no país, como as teorias raciais foram trazidas, incorporadas, adaptadas e modificadas a um contexto brasileiro, então você começa a entender essa criança.

Ela vai, desde os primeiros passos, vivenciar o racismo, e geralmente isso se manifesta com mais força sobre o cabelo. Eu me lembro que algum tempo atrás estava fazendo um trabalho em que ouvia depoimentos de várias pessoas, e entre esses depoimentos havia pessoas que trabalhavam em creches e elas estavam falando de como as crianças estão nas creches, que são crianças menores e como elas são tratadas. Muitas

vezes as profissionais que estão ali na creche e que têm as relações de maior proximidade com as crianças tratam-nas a partir dos cabelos, recusando-se a pentear ou, às vezes, penteando de uma maneira que elas não gostem. E, às vezes, mesmo nas relações de amizade, nas relações familiares, a criança, desde muito cedo, têm contato com situações e com pessoas que colocam sobre ela o rótulo de que o cabelo, aquele cabelo que é parte dela, que é um dos elementos que a constituem enquanto ser humano, é uma coisa ruim.

É interessante isso porque quando você vai até a creche, nem todas as crianças estão com os cabelos presos, mas isso não incomoda porque geralmente não são cabelos crespos. A maioria das crianças que têm os cabelos crespos são elas que vão sendo levadas que o cabelo incomoda, ele tem que ser o mais domado possível.

Veja isso em uma criança que está iniciando seus primeiros contatos fora do ambiente familiar, construindo essa experiência em que aquele cabelo tem que ser recusado, ele tem que ser rejeitado ou que ele tem que ser modificado. É fácil você entender porque, às vezes, uma criança, em uma pesquisa como essa, demonstra que seria muito mais feliz se não tivesse os cabelos crespos porque a referência que está sendo passada para ela é que a vida dela é ruim por causa dos cabelos quando na verdade a vida dela está sendo ruim, a experiência dela está sendo ruim, não por causa dos cabelos, mas por causa da postura racista das pessoas com quem ela está convivendo. Então isso é um diferencial imenso.

Eu me lembro que eu estava em uma banca, e a autora trazia o relato de uma depoente que dizia que as pessoas a discriminavam por causa do cabelo e do nariz. Quando ela fala isso, está trazendo para si o problema, porque se você é uma pessoa negra e assume que essa discriminação é por causa do seu cabelo ou de qualquer característica física sua, o problema está em você e, na verdade, a discriminação não é o cabelo. O cabelo está ótimo, você pode fazer com ele o que você quiser, e ele está ali sendo generoso e aceitando tudo que você quiser fazer com ele. Não é ele o problema, o problema é o racismo das pessoas. O racismo que está presente na sociedade e que, às vezes, faz com que crianças também muito pequenas tenham atitudes racistas, embora elas sejam pequenas e não entendam a dimensão disso com outras crianças pequenas também.

Tirando o atual momento, em geral sempre houve muita resistência quanto ao cabelo crespo/cacheado. Há alguma relação com o nosso passado de escravidão? Se sim, poderia pontuar alguns aspectos? Se não, a que se deve o preconceito?

A luta para que os negros ocupem maior espaço nessa sociedade não é nova. Eu me lembro que algum tempo atrás tive contato com um livro que resulta de uma pesquisa na Federal Fluminense (mestrado) sobre documentos que a autora encontrou a respeito de um professor da década de 50 do século XIX que lutava por uma escola para meninos pretos. Ele trazia na documentação pela qual ele pleiteava a legalização dessa escola um abaixo assinado de famílias negras pedindo que a escola dele fosse reconhecida, que ela não fosse fechada e um dos argumentos que apresentavam é que na escola dele se os meninos pretos não pudessem aprender com perfeição, ao menos eles aprenderiam sem coação porque as famílias brancas não aceitavam que seus filhos estivessem ombro a ombro com as crianças pretas. Isso é um relato de um documento do século XIX.

Têm duas autoras, a Luciana Jacuna e Nathali Bigan, elas vão falar que o movimento negro é o movimento social mais antigo existente do Brasil porque ele vai ter início desde o início do processo de escravidão com os movimentos de resistência.

Os coletivos e um maior ingresso de negros no ensino superior e, conseqüentemente, no mercado de trabalho formal contribuíram para essa maior aceitação?

Na década de quarenta ou cinquenta, quando nós vamos ter o primeiro manifesto desses movimentos negros, já se falava de políticas afirmativas, mas só vamos ter uma efetivação dessas políticas agora recentemente. Se a gente não tem essa dimensão histórica, fica a impressão de que é algo muito novo, que é de agora que alguém impôs, mas essa é uma luta circular por e pelo fim da dominação, fim do racismo, pelo acesso aos bens e ao exercício dos direitos sociais e direitos enquanto cidadãos e enquanto seres humanos, porque isso que nós temos, temos em uma constituição que garante os direitos iguais. Mas à população negra é negada a condição, o acesso ao exercício desse direito. A população negra está muito mais empurrada para os locais, para os espaços onde se tem muito e menor presença do poder público e do Estado.

Você verifica que as periferias aqui mesmo de Cuiabá e Várzea Grande, que têm menor presença de políticas públicas, onde se tem uma infraestrutura ruim, as condições das escolas são ruins. Onde o atendimento à saúde é ruim, a segurança é ruim. Ali você vê maior concentração da população negra. Não é porque os negros gostem de viver em piores condições, mas é porque nós vivemos em uma sociedade que vai possibilitando que a população negra vai sendo cada vez mais empurrada para os espaços geralmente mais insalubres.

Quando nós vamos ter política pública que visa o ingresso dessa população nas esferas de condições de vida melhor, isso é resultado de todo esse movimento de luta. Sem nós, negros, a riqueza material e imaterial desse país não se sustenta. São 500 anos de país e quase 400 anos de escravidão, toda riqueza material e imaterial que existe e sustenta esse país hoje foi construída pelos africanos e seus descendentes negros e negras. Mas quando nós vamos entrar para um processo chamado republicano e democrático, as condições de usufruto desses bens socialmente produzidos, essa população negra vai ser excluída desses espaços. Tanto que a abolição vai acontecer no final do século XIX, e nós somente vamos ter uma política mais efetiva, uma política que vai pautar a importância da população negra na educação da população, em 2003 com a lei 10.639, e com todas as críticas que recebeu.

Do final do século XIX até 2003, o Estado brasileiro, com algumas exceções, era silencioso sobre a questão, e com isso cria uma condição para reafirmação da negação da população negra. O que nossos ancestrais construíram é usufruído por setores da população ou por toda população, em determinados casos, mas não são reconhecidos como sendo decorrentes das materialidades e simbolismos que são construídos pela população negra.

Qual importância a adesão ao cabelo cacheado/crespo tem para o movimento negro?

Eu não posso falar pelo movimento, mas eu posso falar como alguém que participou durante muito tempo dos movimentos sociais negros. Eu penso que a luta dos movimentos diz respeito também ao nosso próprio entendimento e de quem nós somos. A questão é o assumir o cabelo. Não que quem alisa o cabelo não esteja assumindo, porque eu posso alisar o cabelo por moda, porque eu sei que é transitório, eu posso alisar naquele momento, mas eu tenho a consciência que o meu cabelo é crespo e em um mês ou dois meses, quando eu não quiser mais aquele cabelo liso, eu deixo ele cacheado, e pronto. Uma coisa que nos fizeram acreditar é que nós seríamos mais humanos se nós tivéssemos só o cabelo liso, e muita gente ainda acredita e não consegue saber qual é o seu cabelo porque alisa achando que com isso as relações vão

ser menos tensas. Assumir quem nós somos enquanto negros, enquanto homens, mulheres e crianças negras, é uma das grandes conquistas do movimento negro porque a ideia de que ser negro é ruim, ela foi construída com o aparato do Estado, com o recurso do Estado, com o financiamento do Estado. Essa ideia de que o ideal de humanidade é ser branco, isso foi construído com todas as condições materiais, sociais e econômicas, e o movimento negro vem na contramão disso tudo.

A retomada do cabelo crespo/cacheado tem sido objeto de estudo na academia, especificamente na UFMT?

Eu me lembro que quando eu entrei aqui na universidade como professora foi em 2008, e aqui, no Instituto de Educação (IE), tinham poucas pessoas negras com os seus cabelos livres, soltos. Havia uma aluna no curso de Psicologia. De lá para cá, nós vamos começar a ter mais casos, mais pessoas. E me lembro que já havia um movimento, uma tentativa de construção de um coletivo de estudantes de origem popular, e nós começamos a participar e começamos a discutir.

Essas discussões foram feitas, mas esse movimento não avançou muito, ele parou em 2013. A partir de um grupo de estudantes de extensão e a participação de alguns estudantes de pós-graduação, foi fundado um coletivo denominado Coletivo Negro Universitário, que está aí até hoje. Um coletivo negro na Universidade [Federal de Mato Grosso].

O Nepre já vinha pautando numa perspectiva acadêmica, mas esse coletivo começa a pautar enquanto movimento social dentro universidade, e isso foi interessante. A partir de 2011, a universidade aprova o sistema de reserva de vagas com o recorte de 30% para estudantes negros. Na verdade, é uma política de reserva de vaga com recorte de classe porque 50% das vagas são reservadas para escolas públicas, e dentro desse valor teremos um percentual para estudantes negros. Em 2012, nós vamos ter uma política nacional colocada no sentido de que todas as universidades públicas adotem o sistema de reserva de vagas.

A UFMT reformula a sua política no sentido de adequar a política nacional, e nós vamos ter com a reserva de vagas uma maior quantidade de ingressos na universidade. Com isso, obviamente, nós vamos ter uma maior presença de pessoas negras com seus cabelos soltos, com seus cabelos trançados, uma imensidade de formatos e cores de cabelos de pessoas negras e pardas que vêm para as universidades e que não estão mais interessadas em se submeter, em submeter seus cabelos. Elas vêm dispostas a demonstrar que os cabelos fazem parte delas, e aí é isso que você vê na universidade: uma presença maior, mas ainda não suficiente, de pessoas pretas e pardas com uma infinidade de cabelos dos mais diferentes formatos e coloração. A cor é moda. Cada um usa do jeito que quer. O corte é moda, cada um usa do jeito que quer. Agora, assumir o cabelo do jeito que ele é, isso não é moda. Isso tem a ver com a identidade, isso tem a ver com você se posicionar também politicamente em oposição a uma dominação racial que está há muito tempo se impondo sobre a população negra.

No âmbito do NEPRE, ocorrem debates/ações sobre a questão da transição capilar?

O objeto do Nepre é esse: discutir relações raciais na educação e na sociedade brasileira. Desde a sua fundação, o objetivo do Nepre são as relações raciais, tanto que, em 2003, ele propôs à universidade uma política de reserva de vagas para estudantes negros e, no mesmo ano, ele concorreu com um outro projeto que veio de Rondonópolis.

Na UFMT, têm estudos sobre o cabelo, em vários estudos sobre relações raciais a questão do cabelo aparece. A questão do cabelo está muito presente. Nós não temos ainda um estudo que se ocupe objetivamente, que tem como um objeto de estudo o cabelo. É necessário, precisa ser feito.

Monique Fogliatto
Estudante de Jornalismo da UFMT

Com quantos anos você iniciou os processos com química no cabelo? E por quê? Realizou os processos durante quanto tempo?

Bem, eu tenho na minha cabeça que desde os 12 ou 13, mas eu não tenho uma noção da idade certa. Eu sempre tive meus problemas com meu cabelo porque ele nunca foi cacheado, nunca teve uma exata definição, ele sempre foi ondulado. Quando você é criança não consegue pentear o cabelo de manhã. Cabelo cacheado você tem que cuidar, tem que passar creme, hidratar, lavar diariamente, é um processo que demanda tempo. Eles falam que só levantar e bater o cabelo que está pronto, mas você sabe que não está. A lembrança que eu tenho é que minha mãe sempre cuidou do meu cabelo. Eu queria levantar da cama e sair de casa assim como ele estava, e isso começou a me estressar muito pela manhã. Então minha mãe falou para mim: “ah, então vamos alisar. Se você não tem paciência para cuidar, a gente alisa”.

Em momento nenhum ela me falou: “não, você tem que alisar”. Nessa época, ela já não usava o cabelo cacheado, mas ela usou por muito tempo. E, no primeiro momento, está tudo bem; bem ou mal, o cabelo liso é mais prático. De primeiro momento, foi consciente, eu sabia o porquê de estar fazendo, nunca culpei ninguém por me forçar a fazer. Eu sempre fui consciente de que eu queria fazer, tanto que na época todas as minhas amigas tinham o cabelo cacheado e sabiam tratar. Eu falei “não”. Não foi por falta de referência. Foi a mesma decisão da que se toma para não alisar mais. Eu não estava aguentando mais tratar tanto o cabelo, então eu alisei.

Qual foi sua maior motivação para não fazer mais processo químico?

A transição foi complicada porque, primeiro, você tem que decidir o que você quer e você tem que ter a força interior para falar “não é isso que eu quero”. Foi em 2016. Eu comecei a ver esse movimento que as pessoas queriam voltar com o cabelo cacheado, eu comecei a achar bonito o volume, e o cabelo liso não tem volume. Você sempre está com o cabelo liso, mas sempre baixo e lambido. Eu sempre gostei muito de volume. E eu comecei a cansar. Na verdade, eu cansei porque eu fazia alisamento e, numa dessas, começou a quebrar tanto que, de 2011 para 2012, eu sempre acostuada com o alisante, a cabeleireira errou e o cabelo quebrou na parte de trás e eu tive que cortar o cabelo.

Comecei a querer hidratar o cabelo, e, nessa, comecei a fazer a progressiva. Só que em 2016, eu comecei a ver as pessoas se assumindo, e me perguntava: “se o delas volta, porque o meu também não pode voltar?”.

Porque o que eu sempre ouvia no salão é que “o seu cabelo não vai voltar”, e o que eu enxergo é que dentro do salão as pessoas ainda têm muito preconceito com cabelo cacheado e crespo. Muito mais com o cabelo crespo. Eu ouvia da minha própria cabeleireira: “ah, seu cabelo está feio (no meio da transição), seu cabelo está estranho”.

E de tanto você ouvir críticas, na transição, você tem que ter uma força interior para poder conseguir passar por isso. Eu fiquei um ano e três meses em transição, e observei meu cabelo tentando criar forma e, ao mesmo tempo, é uma frustração porque ele dá uma forma, mas é complicado quando você está em transição porque mexe com a autoestima da mulher. Enquanto você está em transição, você se sente a pior das criaturas, não tem como você não se sentir horrível. Você se olha no espelho e dá vontade de chorar. Eu passei muito tempo da minha vida, dos 12 aos meus 20 anos, alisando meu cabelo.

É uma outra descoberta quando você faz. Porque quando eu decidi fazer a transição eu não me lembrava mais como era o meu cabelo. Eu tinha fotos, mas eu não tinha lembranças. Eu tinha lembranças de eu arrumando o cabelo, mas eu não fazia ideia de como eu fazia. Eu já perguntei para a minha mãe como era o meu cabelo antes.

Quais são as maiores dificuldades da transição?

É muito de autoestima, tanto que até hoje eu sigo grupos no Facebook, e vejo que elas procuram muito apoio umas nas outras. Por mais que você saiba cuidar, você nunca sabe ao certo se o seu cabelo vai dar certo com um tipo de creme ou não. A realidade é que você se vê com outro cabelo, que você não sabe cuidar. A realidade é que uma outra pessoa que nasce depois da transição, se você não tiver força, começa a se questionar: “Por que eu voltei?”.

Você imagina a transição como uma coisa muito fácil, que você vai passar por dois ou três meses e o cabelo vai estar com cacho e vai estar maravilhoso e, na verdade, você tem mais de duas texturas na mesma cabeça com *Scab Hair* e você não sabe para onde correr. Se você não tiver esse apoio de gente que entenda pelo que está passando, você não consegue. Nesse período, eu considero que eu fui fraca. Eu poderia ter tentado mais, mas eu tentei até onde deu. Sempre quis ele em forma de cacho, mas ele nunca formou um cacho. Eu fiz um processo químico para ele definir e ficar como eu queria, passei creme e fiz várias hidratações que me indicavam.

Eu comecei a desistir da transição quando eu fiz a química para definir os cachos, e ele ficou por uma semana definido. Então ele começou a criar nós e não definia mais. Eu não sei se foi porque eu não cortei. Eu não descarto voltar e fazer a transição de novo, mas eu senti muita falta de amparo pelo lado profissional dos cabeleireiros. Eles não sabem lidar.

Eu pensei em cortar, mas eu tinha muito medo. Ele estava muito danificado e eu falei para minha mãe. Ela me disse: “eu acho melhor você não fazer porque você não está acostumada”. Eu pensei em cortar, mas eu vi que aqui eu não ia ter o amparo necessário. Eu sabia que eu não ia saber cuidar do meu cabelo sozinha. Eu fui bem realista: se eu não tiver um cabeleireiro... Porque eu sei que por mais que haja indicações dos populares, eu entendo que o que dá certo para um não dá para o outro.

Já houve julgamento sobre os dois modos do cabelo?

Sim, mas eu ouvi! “Nossa, eu não sei porque você inventou de ter o cabelo daquele jeito”, “você ficou mais bonita de cabelo liso”, “poxa, mas eu olhava para você e não sabia que você tinha o cabelo assim, eu pensava que seu cabelo era liso”. Se eu tiver uma filha com cabelo cacheado, por mais que eu não saiba cuidar, eu vou querer pagar para alguém cuidar certo do cabelo dela, porque a pior coisa que você faz é ter que passar pela transição. Você nasceu com aquele cabelo, e o que as pessoas pensam é que você não sabe cuidar. Como que você não sabe cuidar de algo que é seu desde quando você nasceu?

O que você tem a dizer para quem tentou a transição e não conseguiu concluí-la?

Teve uma época que minha mãe ficou desesperada. Ela falava que estava preocupada, chegou a um ponto que achei que ele ia quebrar de uma vez. Meu pai falou: “que bom que você vai tentar voltar, não me lembro de te ver com o cabelo cacheado”. Você é o dono da sua cabeça. Se você está bem com você mesmo, não tem porque olhar para os outros. A força da sua vida não está só no seu cabelo, é tudo questão interior.

Não é necessário fazer. Se você está se sentindo bem, o problema é seu. O importante é você se aceitar.

Eu admiro muito quem passa pela transição e vence. É um outro tipo de pessoa que nasce em você, e você não sabia que existia. Hoje eu reconheço que esse pensamento de quem eu sou não parte do cabelo, parte de eu sentir que eu estou bem. Não adianta também eu assumir o cabelo e ficar ruim, me sentir menor por causa disso. A gente é mulher, a autoestima mexe muito.

Se você quer ter o cabelo liso, vá ter o cabelo liso. Isso não te faz menos negra ou menos resistente, ou que não está excedendo a pressão. Às vezes você não está se sentindo bem e você tem o direito, não há problema nisso. Existe a pressão? Existe, mas eu acho que a força maior em alisar ou voltar ao natural é interior, espiritual. O lance é a certeza. Quando você tem a certeza, você é outra pessoa. Você não vai pela cabeça dos outros.

Isabela Ferreira da Silva
Estudante de Publicidade e Propaganda

Com quantos anos você iniciou os processos com química no cabelo? E por quê?
Realizou os processos durante quanto tempo?

Iniciei com nove anos os processos de química. O relaxamento foi o primeiro para deixar ele cacheado e perder o volume. A minha mãe é que fazia porque não sabia lidar com o cabelo crespo. Antes disso, eu já havia usado tranças.

Qual foi sua maior motivação para não fazer mais processo químico?

Minha maior motivação foi por cansaço de ficar a todo momento, a todo mês fazendo esse tipo de tratamento que deixava minha cabeça muito sensível, a ponto de chegar a ter feridas. Não aguentava mesmo. Então, iniciei a transição, mesmo sem saber o que era, porque na verdade eu queria uma coisa mais prática, menos dolorosa.

Houve apoio? Como foi?

Quando eu comecei a transição, eu tive apoio da minha família e amigos e principalmente meu, por não querer mais passar tanto tempo fazendo escova, chapinha, porque eu vivia bem, sei lá, eu demorava horas e horas para fazer ele ficar liso do jeito que eu achava que deveria ser.

Quais são as maiores dificuldades da transição?

Acho que a maior dificuldade da transição é você conhecer o seu cabelo como ele é, porque antes, quando eu era menor, eu fazia o relaxamento e deixava ele cacheado, mas ainda não era como deveria ser. Depois eu comecei a alisar, fiquei muito tempo alisando e depois eu passei para as tranças, e, antes de colocar, eu cortei e foi um choque pelo menos para mim, porque eu sempre gostei de ter ele grande. Não sei, eu vejo isso como uma maior dificuldade, a forma de você não saber como é o seu cabelo porque você passa tanto tempo fazendo tantas coisas, maltratando ele, que você nem se reconhece.

Atualmente, há alguma rede social ou cia que te auxilia ou auxiliou na captação de informação sobre a transição? Ou outros cuidados com o cabelo, qual foi?

Não tem nenhuma pessoa especial, mas a questão da visibilidade cresceu muito para as mulheres de cabelo crespo. Acho que me aceitar mais e deixar meu cabelo natural e não ficar sofrendo tanto por causa de chapinha e alisamento e ver que meu cabelo é incrível, sabe?

Acho que não preciso disso para ser mais aceita ou não acho que eu estou nesse processo de me aceitar. Eu procuro muito no Youtube até formas como cuidar como tratar até porque como eu passei muito tempo sem ter meu cabelo assim, muitas coisas eu ainda não sei como fazer. E também pesquisei no Google e um pouco no Instagram.

Para quem ainda vai fazer a transição, explique como lidar com a discriminação, as piadas sem graça e críticas, muitas vezes feitas pelos próprios familiares, colegas de trabalho e pessoas desconhecidas com relação ao cabelo crespo ou cacheado.

Não é um processo fácil. As pessoas ainda são muito preconceituosas, não só na rua, mas também familiares. Elas não entendem ainda o peso que é você passar tantos anos da sua vida não se reconhecendo, você não amar o seu próprio corpo o seu próprio cabelo. Quando você se vir livre de todos esses processos, você vai se sentir tão mais feliz que você vai ver que vale a pena. Ao menos eu estou passando por isso.

Procure também outras pessoas que passaram ou estão passando por isso. A gente tem que se unir, se dar força. É difícil, mas não impossível. Vale a pena, essa é a questão.

Em poucas palavras se cabelo cacheado não é moda Ele é.....

O cabelo cacheado é identidade. Moda é uma coisa que a gente escolhe; cabelo cacheado é o que a gente é. É raiz.

Isabela Silva Morais
Estudante de Letras da UFMT

Com quantos anos você iniciou os processos com química no cabelo? E por quê? Realizou os processos durante quanto tempo?

Eu tinha de 13 para 14 anos quando comecei a fazer relaxamento. Minha mãe foi contra, ela foi a primeira a falar: “não faz isso com o seu cabelo. Deixa, é só cuidar”. Mas sempre foi muito difícil. Eu não tive referências negras porque eu sou filha adotiva, meus pais são brancos, então o que eu via e admirava era o cabelo liso.

Estudei em uma sala muito branca, classe média, escola particular. Eu era bolsista porque minha mãe era professora e era a única negra na minha sala. Negros mesmo eram três em uma sala de 50.

Eu fiz relaxamento e, depois de seis meses, eu fiz de novo. Então, com o passar do tempo, eu comecei a ver cada vez menos cachos, que ele estava muito estranho, meio ondulado, meio cacheado. Então eu resolvi alisar mesmo, e comecei de 14 a 15 anos, e aí minha mãe achava lindo.

Ela não queria que eu alisasse, mas depois ela viu que com os outros procedimentos meu cabelo já não estava legal. Quando eu alisava, eu recebia “elogios” do tipo “nossa, seu cabelo ficou incrível, nem parece que você alisa, fica tão natural”, “você não é negra, você tem os traços finos, você é mulata, você é parda”, o tempo todo embranquecendo a gente. Depois que alisei, minha mãe me elogiou bastante. Ela foi a peça-chave dessa transição, de desistir tantas vezes de voltar ao cabelo natural.

Qual foi sua maior motivação para não fazer mais processo químico?

Para eu não fazer mais o processo químico, a inspiração foi totalmente eu. E tem uma coisa que fortaleceu muito como mulher preta: o Coletivo Negro.

Na verdade, por várias vezes eu resolvi passar pela transição, mas dava três, quatro, cinco meses eu olhava para aquele cabelo e nada ficava bom, tentava enrolar e não ficava bom e eu não tinha a coragem de fazer o corte. Foi uma coisa difícilíssima. Eu prendia todo o meu cabelo para trás, eu não gostava do que eu via. Era o tempo todo desse jeito. Também teve um término de uma relação que me fez tentar me redescobrir, me fortalecer como mulher.

Quando você iniciou o processo de transição? Houve apoio? Como foi? E por quê?

Eu tentava passar pela transição, mas ficava feio, eu desistia e minha mãe falava que estava feio. Meu ex-parceiro falava que não estava legal o tempo todo. Minha mãe falava “vai lá, faz, que eu pago para você”. Eu acabava indo e fazendo porque eu não ficava bonita com nada. E ninguém me apoiava para continuar a transição, ninguém falava “calma, vai melhorar”. Se minha mãe, que é a pessoa mais importante para mim, falava que não estava bom...

Dezembro de 2016 eu já estava em transição, mas eu não tinha assumido meus cachos. Eu fui assumir em 2017. Em dezembro de 2016, eu fui para um casamento - eu já estava no coletivo e estava com uma pessoa que me apoiava. Eu fui para o casamento com meus pais, eles passaram em casa para me pegar, então falei: “aí mãe, o que você achou?”, e ela disse “filha, não está legal”. Nós paramos no hotel e minha mãe falou, “eu entendo que você quer deixar seu cabelo voltar, mas você não está sabendo cuidar. Faz uma chapinha, imagina você chegando lá, na frente da família”. No segundo dia da viagem eu fiquei pensando no que minha mãe tinha me falado e então fiz uma chapinha e mantive enquanto eu estava lá.

Isso foi muito forte para mim, mas eu falei depois para ela que era ela a pessoa mais importante para mim, mas que não me ajudava nesse processo. Era ela a pessoa que mais falava contra, a que sempre se oferecia para alisar o meu cabelo: “vai, eu pago para você”.

Quais são as maiores dificuldades da transição?

A maior dificuldade para mim na transição foi me sentir bonita. Eu olhava no espelho, e não gostava. Não tem só a ver com o cacho, como o cabelo tinha aquelas pontas lisas - eu passei mais de dez anos alisando -, eu não sabia mais como cuidava e eu não lembrava do meu cabelo cacheado quando eu alisava. E hoje eu não lembro do meu cabelo liso. Eu vejo foto e não me reconheço de cabelo liso.

Mesmo ele com um tamanho bom para o corte, eu não cortei porque tem essa coisa de vaidade, de cabelo longo. A gente se prende muito a isso. Para a mulher negra, o cabelo é uma coisa muito forte, muito importante. O cabelo é muito de posição social, quando eu alisava o meu cabelo eu queria ele longo, eu chorava para cortar dois dedos. O cabelo grande é aquela segurança, curto é muito autêntico uma coisa muito “que poder é esse, que autoestima é essa?”. O cabelo é mais alguma coisa que você pode ter de bonito, mas não é a única coisa. Eu não tinha essa segurança.

Houve algum meio ou alguém que te inspirou?

As mulheres que também têm cabelo crespo e cacheados e que estão ao meu redor.

Mesmo elas ao meu redor eu não me aceitava, mas eu olhava para elas, pretas e gordas, como eu, mas eu ainda não me sentia bem assim. Porque eu as admirava e não me via ao mesmo tempo.

No coletivo negro a gente aprende a se fortalecer como pessoa negra, a respeitar o seu corpo, como mulher. Eu entendo hoje que eu nunca vou ter aquele corpo de mulher magra, e está tudo bem. E durante muito tempo não estive. Eu lembro de quando eu cheguei no coletivo e já estava com o cabelo assim, natural. Uma menina falou como o nosso rosto foi feito para ter um cabelo assim, ele se molda ao nosso rosto, o cabelo liso não ressalta da mesma forma. Como esse cabelo é feito para a gente.

Atualmente, há alguma rede social ou cia que te auxilia ou auxiliou na captação de informação sobre a transição? Ou outros cuidados com o cabelo, qual foi?

Depois do coletivo, o processo se tornou um pouco menos difícil, não leve, porque a transição não é um processo leve e não é fácil se fortalecer. A gente busca de todos os lados e pessoas, mas não é fácil. Quando a gente anda junto com pessoas que nos ajudam nesse processo fica menos difícil. Meio de comunicação das redes eu uso o Facebook.

Na sua opinião, por que só nesse momento fala-se tanto sobre ter o cabelo natural?

De uns tempos para cá começaram a valorizar os cabelos naturais. Tem todo um momento da mulher, desse empoderamento feminino, da gente se empoderar, do nosso corpo, do nosso cabelo, e não aceitar mais que ditem. Sabe, do que se deve ou não usar?

Eu acho que existe toda essa emancipação feminina, da gente exigir igualdade, todo esse fortalecimento da mulher, de não aceitar mais essa ditadura das empresas de beleza. É por isso, quando passaram a perceber que tem mercado ali, porque essas mulheres já não querem mais alisar os cabelos, começaram a nos notar.

Que tipo de preconceito você mais sofreu por ter cabelo crespo/cacheado?

É muito difícil você, criança negra, crescer sem referência. Discursos camuflados, ouvimos muito isso. O comentário racista que eu já ouvi...

Quando eu entrei na faculdade, eu comecei a me reconhecer como pessoa negra, entender o meu lugar de fala, sobre o que eu devia estudar para me fortalecer.

Minha melhor amiga, na época, falou “você é negra, mas você é uma negra tão bonita porque você não tem aquele narigão largo, aquele bocão, né?!” Na hora aquilo me incomodou, mas eu não sabia o que falar. Muito tempo depois, eu sentei para falar com ela. Até hoje ela não entende.

Para quem ainda vai fazer a transição, explique como lidar com a discriminação, as piadas sem graça e críticas muitas vezes feitas pelos próprios familiares, colegas de trabalho e pessoas desconhecidas com relação ao cabelo crespo ou cacheado.

Não é fácil, mas vale tanto a pena... Hoje, um ano depois, eu sinto tanto orgulho da pessoa que eu sou.

Cada uma tem um processo tem o seu tempo, é uma coisa muito linda a gente aceitar quem você é, é tão libertador.

Em poucas palavras se cabelo cacheado não é moda Ele é.....

O cabelo cacheado não é moda, é resistência. Não é fácil ter cabelo cacheado, as pessoas não aceitam ainda, falam e criticam. É você ouvir uma coisa que não vai gostar, mas você vai aprendendo a lidar e as pessoas vão mudar, a sociedade se transforma, mas para isso a gente tem que resistir, não ter vergonha, não se esconder e não aceitar também.

ENTREVISTA COM A AUTORA NEUSA BAPTISTA

Quais foram as inspirações para escrever o livro?

Essa história tem a ver com minha vivência pessoal: somos sete mulheres em casa, então desde pequena eu já via isso. Alisava o cabelo, e ele quebrava. E, mesmo assim, era só aparecer um alisante novo e as tentativas prosseguiam. Saía ferida na cabeça, mas seu cabelo estava liso! É uma coisa comum das mulheres negras: você cresce com a convicção de que tem que alisar seu cabelo, é uma coisa naturalizada. Foi dessa vivência que veio a ideia de escrever quando eu terminei a graduação. Esse assunto apareceu, a princípio, como um tema de pesquisa de pós-graduação sobre as tranças, pessoas que usavam e trabalhavam com isso aqui em Cuiabá. O projeto Pixaim, de 2006, era essa ação de ir para escola e trabalhar essa relação do cabelo com as crianças. Eu nem chamava de livro, chamava de cartilha. Com a aprovação do material, as outras partes eu fui fazendo por conta própria. Eu editei o livro sozinha, não tinha nem editora. As ilustrações foram feitas pela minha ex-enteada, a Nara Silver. Eu doe para várias instituições aqui da Capital. Foram mil exemplares.

As personagens apresentam personalidades particulares. Elas foram inspiradas em alguém?

Nas minhas sobrinhas. Não que se pareçam muito, mas o nome é delas, sim. Inclusive, a minha sobrinha se apresentou na escola em que o livro foi adotado, e todos de lá sabem que ela é uma pessoa em que eu baseei a personagem da obra. Foi bem interessante a interação deles. Eu particularmente me identifico um pouco com a Tatá, minha estratégia sempre foi chorar (*referindo-se à personagem que chora – ou sempre chora – quando passa por alguma experiência racista).

Mesmo o livro sendo uma obra voltada ao público infantil em geral, há outros aspectos sociais a respeito especificamente da criança negra? Você poderia citar algumas dessas ressalvas e o porquê delas?

Na história há algumas particularidades em cada personagem. A Ritinha foi criada pelo pai, por isso o cabelo meio preso de qualquer jeito, porque ele prende como consegue ou ela mesma faz, é uma garota mais independente. A mãe da Bia tem um salão de beleza e ela sempre cresceu achando que é uma coisa de embelezamento (alisar, prender o cabelo). E a Tatá sempre teve isso de ser a mais humilde: mora longe da escola, tem uma família grande como a minha. A família dela é a que eu mais falo no livro, na família dela não tem isso de falar sobre racismo, valorização etc. Não há tempo de ficar discutindo, tem que ganhar dinheiro. Nem todas as famílias tem isso, de ficar dando um gás nas crianças sobre a subjetividade. A Tatá é a mais curiosa, fica pensando o porquê de não aceitar o cabelo como é. Ela espelha exatamente aquela fase dos porquês.

Qual a principal deficiência na educação das crianças quanto às questões que envolvem os negros?

Eu não sou da área da educação, mas eu respondo enquanto mãe. Eu acho que a questão principal é o senso de projeto a longo prazo nas escolas. Quanto tempo você precisa para discutir o racismo? Eu visitei muitas escolas públicas e particulares, e a abordagem é a mesma. O projeto não tem continuidade, é feito de forma rasa, é sempre aquela discussão bem localizada. Não querendo desfazer do trabalho dos professores, pois eu sei as dificuldades da escola pública, mas acho que é um assunto muito complexo para ser abordado de uma forma tão rápida. O racismo faz parte da estrutura

social. As pessoas negras vivem isso todo dia, não é só uma semana. Quando acontecem os episódios de racismo na sala de aula geralmente a escola não dá consequência. Pode chamar os pais, e fica como uma coisa de bullying – “não faça mais isso porque nós todos somos iguais” – e pronto! Não se fala da estrutura, de onde vem isso, e nisso não se mexe porque vai afetar os privilégios. As escolas adotam o meu livro, mas, para uma aplicação coerente, deveria usar o modo de implantação das políticas públicas. É o que falta, a aplicação da lei nº 10.639/2003 (que incluiu nas diretrizes básicas da educação nacional a obrigatoriedade do ensino de "História e Cultura Afro-Brasileira"). Mais de dez anos depois da promulgação da lei, no entanto, a aplicação, a implementação dela não existe. Há iniciativas, tentativas na formação de professores, mas você vai nas escolas e não vê uma prática, nem a inclusão dos conteúdos. Imagina as discussões que deveriam ser fora da sala de aula. No ambiente, em todo lugar, na escola, é difícil e exige muito dos professores.

Você acha que um filme como “Pantera Negra”, que coloca personagens negros no protagonismo da história, contribui de alguma forma para o debate sobre racismo?

Eu não assisti ao filme ainda, não sei responder, mas posso dizer que acho importante ter um produto desses, que pelo menos suscite algum tipo de debate sobre isso. Há filmes que têm só personagens brancos que não levantam discussão nenhuma. Porém, por que não pode haver também personagens negros em filmes fazendo coisas normais? Só porque são personagens negros tem que haver uma nação fantasia? Tem de se pensar em filmes que saiam do mágico, é preciso colocar atores negros nos trabalhos em que eles atuariam como pessoas do cotidiano, como nós.

De acordo com a última pesquisa do *Google Brandlab* de 2017, a transição capilar em menos de dois anos aumentou 55% no Brasil. Se os cachos sempre existiram, por que agora estão em alta?

Agora, com essa valorização do cabelo crespo na mídia, há mais visibilidade, mas ainda falta muita coisa para ser feita, ainda precisamos ser mais representados. Eu acho que o cabelo já é trabalhado pelo movimento negro – Panteras Negras, movimento *Black Power*, movimento *Black is Beautiful*, nos anos 60 e 70, a Angela Davis é também uma referência. Nos Estados Unidos da América, o cabelo já era trabalhado e isso teve continuidade porque o movimento negro sempre teve essa referência física do cabelo como parte da sua manifestação. Não é uma coisa que surgiu como moda agora. Acho que agora observam-se dados assim porque as discussões a respeito do cabelo também estão vinculadas no meio digital. A marcha do cabelo crespo foi organizada pelas redes sociais, por exemplo. Há mais negros nas universidades com mais acesso à internet, novos grupos, novas meninas, novas gerações de mulheres negras. Hoje, você tem acesso a tudo, você mesmo produz e consome. O movimento negro está entrando na universidade, essas meninas têm essa postura mais assertiva, como a Karol Conka, que agrega para outras pessoas. Têm os movimentos sociais por trás disso não é só o mercado.

Essa midiaticização do cabelo crespo contribui para as discussões sobre igualdade racial?

Não podemos ficar na estética só pela estética, temos que ter discussões. Mas entendo que, partindo da estética, você já está questionando, já está propondo alguma questão. Não há comerciais de cremes para cachos que divulgam o cabelo crespo. Bonito é aquele que tem os fios com cachos redondinhos, mais abertos indo para o ondulado. É

um cabelo que continua tendo mais visibilidade. O discurso de aceitação e diversidade é muito bom para se reproduzir e que foi muito bem abraçado pelo mercado, mas o que vejo é que a mulher negra de pele mais escura e com o cabelo mais crespo não tem espaço como modelo de beleza. E quando tem, assume o papel de exótica, que sempre destaca que ela é aquela coisa de outro planeta. Ao mesmo tempo que você “valoriza”, você discrimina. Não dá para abraçar esse movimento do mercado sem a crítica. Essa valorização está se refletindo nos outros espaços? Qual a imagem que se tem da mulher negra? Será que mudou? Eu acho que ainda não.



ENCRESPOU!

Transição capilar populariza-se entre as mulheres e mostra que pode ir além da simples transformação dos fios

BEATRIZ ALVES DOS SANTOS

E agora nas prateleiras há cremes para todos os tipos de cabelos! Por instantes, a frase parece simples. No entanto, há mais profundidade do que se imagina. Sabe por quê? Porque há anos apenas um tipo de cabelo prevaleceu entre os favoritos e durante muito tempo a esse tipo de cabelo eram dedicados todos os holofotes do mercado. Mas o quadro está mudando, e como comprova os dados da

pesquisa realizada pelo Google Brandlab em 2017, “o interesse por cabelos afro cresceu nada menos que 309% nos últimos dois anos e, pela primeira vez, o interesse por cabelos cacheados superou o por cabelos lisos nas buscas”.

A mudança que só se vê agora é resultado de lutas antigas. Muitos são os que datam o movimento Black Power como precursor, mas, como salienta a professora Cândida Soares, do Núcleo

de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (Nepre) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), o movimento negro é muito mais antigo do que se imagina. No Brasil, por exemplo, ele já é reconhecido como o movimento social mais antigo do país.

E o que isso tem a ver com os cremes? Simplesmente tudo, pois os trabalhos, como explica a professora, “dizem respeito ao nosso próprio en-

tendimento e de quem nós somos. Uma coisa que nos fizeram acreditar é que nós seríamos mais humanos se tivéssemos só o cabelo liso. Não quer dizer que quem alisa o cabelo deixa de representar sua raça. É que muita gente ainda acredita e não consegue saber qual é o seu cabelo, porque alisa achando que, com isso, as relações vão ser menos tensas. Então, assumir quem nós somos enquanto homens, mulheres e crianças negras é uma das grandes conquistas do movimento negro”.

PRETO É BONITO

Segundo o Google Brandlab, quatro em cada dez mulheres já sentiram vergonha de seus cabelos cacheados, enquanto uma em cada três afirmou ter sofrido preconceito por causa deles. Segundo Cândida Soares, por muito tempo a ideia “do ser negro é ruim” foi construída com o aparato, recurso e financiamento do Estado. Essa ideia de “para ser o ideal de humanidade teria de ser branco” foi construída com todas as condições materiais, sociais e econômicas... E o movimento negro vem na contramão disso tudo.

E como um dos símbolos desse movimento contrário, temos, por exemplo, as mulheres que pararam de ir ao

salão de beleza para alisar seus cabelos. Agora, elas cuidam dos próprios fios, e com grupos de apoio pelas redes sociais, compartilham seus cuidados no Facebook, Instagram e também no YouTube. Desse modo muitas meninas e mulheres aprendem o que e como fazer para retirar o processo químico de seus fios e, assim, aprendem como ter novamente seu cabelo natural.

“Uma coisa que nos fizeram acreditar é que nós seríamos mais humanos se nós tivéssemos só o cabelo liso”

Cândida Soares

Isso aliás, divulgou mais o movimento dando visibilidade à transição capilar nas mídias tradicionais. O que surgia como métodos e cuidados capilares ganhou fundamentação e impulsionou as vendas de produtos para esse público.

A mobilização econômica gerada no mercado não surge somente por causa do politicamente correto, mas porque estão também observando o crescimento da classe média negra nas pesquisas.

Mas não foi só isso. Os assuntos ultrapassaram as

questões estéticas e produziram outros elementos de cunho cultural, como livros, manifestações nas ruas, rodas de conversas nas escolas e universidades, artigos científicos, dissertações de mestrados, teses, webséries e documentários. Com a alta de produções que explanam sobre as relações raciais e identidade, mais gente se informa e também se identifica. Com isso, observam-se, por exemplo, dados como os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2017, que mostraram que entre 2012 e 2016 o número de brasileiros que se auto-declararam pretos aumentou 14,9% no país.

CABELO E IDENTIDADE

A transição capilar envolve também esse reconhecimento e identificação, pois nela estão mulheres que deixaram de se espelhar em um único padrão e passaram a buscar o seu modelo de representação, a sua forma de se expressar pelos cabelos. São pessoas que deram um basta aos anos de procedimentos rotineiros que se intercalavam entre o puxa e estica e no cansativo e prejudicial contato com produtos químicos. Como a jovem Larissa Thaíza Santos, 20, estudante de Publicidade e Propaganda da UFMT, que realizava procedimentos quí-



micos no cabelo desde os sete anos.

Larissa iniciou com o relaxamento na raiz, pois, segundo sua tia, era para “soltar os cachos” para que o volume diminuísse. Assim, com o consentimento de seus pais, a menina iniciou os processos químicos que só iriam acabar aos 18 anos de idade, quando

ela mesma decidiu pôr um fim. Por sinal, isso teve que ser feito às escondidas da família.

Esse preconceito com o formato e textura dos cabelos é recebido desde a infância, tanto pela família quanto pela escola, como constatou o professor Flávio Santiago, em sua pesquisa de mestra-

do na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), realizada em 2014. Segundo o autor, a “racialização penetra nas subjetividades das crianças pequeninhas negras e não negras de modo a estabelecer padrões e meios de interpretação do mundo. Durante esse processo, ao mesmo tempo em que se fixa um padrão racial sobre um corpo, são impelidas marcas de gênero, sexualidade e classe, construindo a ideia de que existe uma correlação direta entre um pertencimento racial e uma estratificação de classe e/ou um comportamento direto de gênero e sexualidade”. Assim, desde a primeira infância, meninas e também meninos vão recebendo informações sobre os seus corpos carregadas de preconceitos, que de tão repetidas e ouvidas acabam sendo adotadas como verdadeiras. A criança negra, então, irá aprender a negar suas características físicas, e o cabelo irá receber boa parte das mudanças a serem feitas para se adequar ao padrão estabelecido.

As correlações se refletem em várias atitudes que reforçam o não reconhecimento ou até mesmo o ódio dos pequeninos às suas características fenotípicas, como mostrou a pesquisa de 2016 do Instituto Dove, em que me-

ninas de 5 a 6 anos acreditavam que seriam mais felizes se tivessem cabelos lisos. Larissa Santos, por exemplo, na infância, além das químicas, mantinha o cabelo molhado para que sempre permane-

cesse baixo.

De acordo com a professora Cândida Soares, os dados oficiais do IBGE mostram que os negros são mais de 50% da população do Brasil. No entanto não são eles

os mais vistos pelos meios de comunicação, nas propagandas e outros veículos que trazem representatividade. São as pessoas brancas as que representam o todo. Há uma dimensão do pensamento



Foto: Daniel Martins

A TRANSIÇÃO CAPILAR CHEGOU! E TROUXE ESSAS NOVAS PALAVRINHAS!

A transição é o período em que a mulher desiste das químicas de alisamento e deixa seu cabelo natural crescer até que se possa fazer o corte dos fios que foram alisados. Abaixo compilamos os termos mais comuns no mundo das garotas que estão iniciando o seu processo de transição. Agora as cacheadas e crespas possuem seu próprio vocabulário:

LOW POO / NO POO: é uma técnica em que se deixa de usar produtos que tragam em suas composições sulfatos, silicones insolúveis e derivados de petróleo.

PARAFINAS, ÓLEO MINERAL E PETROLATOS: Parafinas, óleo mineral, petrolatos são compostos por oleosos derivados do petróleo que são acrescentados nos produtos capilares. O problema é que eles não tratam o cabelo. Eles saturam os fios e apresentam um falso cuidado impedindo que o tratamento real aconteça e penetre nos fios.

SCAB HAIR: é nome dado aos fios “novos” que vêm logo após a decisão da retirada da química. O scab hair é muito comum durante a transição (na raiz), mas é especialmente após o big shop que pode resultar em problemas de porosidade, ressecamento e sumiço de cachos.

SILICONES: são ingredientes artificiais colocados pelas indústrias de cosméticos para reduzir a estática (vulgo frizz), deixar o cabelo mais macio e ajudar a desembaraçar. Mas não se iludam, porque silicones não hidratam e nem nutrem.

TEXTURIZAÇÃO: método que permite às cacheadas, maior definição dos cabelos.

TIPOS DE CABELOS: Os tipos capilares são diferentes pelo quão cacheados são os fios, sendo que os de tipo 1 são lisos e os de tipo 4 são crespos. Outros aspectos importantes para a classificação dos tipos de cabelo são a oleosidade e volume. Cada tipo de cabelo pode ser, ainda, dividido em três subtipos: A, B e C (1^a, 1 B, 1 C, 2A, 2B, 2C, 3A,3B,3C,4^a,4B,4C). **TWIST:** Técnica de texturização em que se enrola duas mechas da raiz até as pontas para possibilitar a definição dos cachos.

BABYHAIR: são os cabelos que nascem na região da testa e nuca. São mais comuns em crianças, mas em jovens e adultas são utilizados para dar um toque especial a penteados.

BAD HAIR DAY: Traduzido como “Dia Ruim Capilar”, o termo é usado quando o cabelo, em dias específicos, acorda fora da textura ou aparência que costuma possuir nos demais dias.

BIG CHOP (BC): É conhecido como o “Grande Corte” e diz respeito ao corte da parte do cabelo que ainda contém químicas. **CO WASH:** É a lavagem suave dos fios com condicionador sem silicones e petrolatos de forma a não os agredir.

COQUE ABACAXI: coque feito no topo da cabeça, normalmente feito na hora de dormir para evitar que os cachos desmanchem durante o sono.

DAY AFTER: É o “Dia seguinte” da lavagem dos cachos. Geralmente, é o dia em que os cabelos se apresentam com a melhor textura e aparência dos cachos.

FITAGEM: técnica de finalização que facilita a definição dos fios. O processo consiste na aplicação do produto e enluvamento dos cabelos entre os dedos, sendo também possível usar um pente de dentes largos.

LEAVE IN: significa “deixar em” e como são chamados em português os cremes de pentear. São produtinhos criados para serem deixados no cabelo. Geralmente possuem protetor solar e térmico na composição impedindo que seu cabelo frite.

social de como se construiu a ideia de ser negro e a ideia de ser branco no país. As teorias raciais foram trazidas, incorporadas, adaptadas e modificadas a um contexto brasileiro. Então é possível entender a criança que, desde muito pequena, nega suas características fenotípicas. Ela vai, desde os primeiros passos, ter a experiência de vivenciar o racismo, e geralmente isso se manifesta com mais força sobre o cabelo. Em busca de aceitação ou para evitar mais represálias, crianças, desde muito novas, vão recebendo e se adaptando ao que lhes é imposto, abraçando com normalidade os preconceitos

“Minha maior motivação para não fazer mais esses procedimentos químicos foi o cansaço de ficar todo mês fazendo tratamento”

Isabela Ferreira da Silva

e regras discriminatórias que lhes são ditas, e, assim, tudo acaba sendo absorvido de forma naturalizada.

Isabela Ferreira da Silva, estudante de Radialismo da UFMT, aceitava, por exemplo, as feridas pós tratamento químico, pois é uma das consequências de muitos



Foto: Larissa Santos. Larissa Santos participava de feiras de beleza como a moça do “antes e depois”. Os cabelos alisados eram vistos como mais bonitos.

processos. A jovem começou na infância, fazendo o procedimento chamado de relaxamento e, com o passar do tempo, mudou para químicas mais fortes que geralmente continham até formol na composição. “Aliás, minha maior motivação para não fazer mais esses procedimentos químicos foi o cansaço de ficar todo mês fazendo esse tipo de tratamento que deixava minha cabeça muito sensível”, lembra.

Isabela Silva, assim como Larissa Santos, só conheceu seu cabelo natural após ter passado pelo processo de transição. Mas nem todos observam que essa procura por identificação seja algo positivo. A transformação dos fios recebe críticas de todos os lados e as advindas do âmbito familiar são as que mais doem, como explica Annie Vitória Souza Lima, 20 anos,

estudante de Jornalismo da UFMT. “Quando iniciei, eu nem sabia que estava em transição, eu comecei a ver aquele um dedinho de cabelo! Eu vi ele meio que enrolando, e falei: nossa, meu cabelo! Eu tive apoio mais das amigas. Da minha família, nem tanto. Minha mãe não gostava e ficava meio assim, sabe?!”

AUTO-ACEITAÇÃO

Como observamos, três das cinco jovens entrevistadas sofreram preconceito em suas próprias casas, não receberam o apoio emocional esperado, principalmente pelas mães. Isabela Silva Moraes, 26, estudante de Letras da UFMT, explica que sua mãe também não gostou do processo de transição. Em viagem para uma festa de casamento, a mãe da estudante reprovou a transformação da

entrevista



Foto: Beatriz Alves

Em Cuiabá o cabelo crespo ganha voz: pela literatura ela ecoa

Em Cuiabá, já temos uma obra focada em discutir a relação da criança negra com seu cabelo. Escrito pela jornalista Neusa Baptista Pinto, o livro *Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar* (Editora Tanta Tinta, 2010) apresenta meninas negras enfrentando e explicando não apenas os preconceitos sobre seus cabelos, mas as outras vertentes como: a ausência de representatividade na sociedade e mídia, de visibilidade na escola, e a falta de compreensão dos próprios adultos sobre o assunto. Escolhida pelo site *Leiturinha* como um dos principais autores negros da literatura infantil no Brasil, a autora divide espaço com nomes de peso como Lázaro Ramos e Eli-

sa Lucinda. Neusa Baptista feliz pelo seu reconhecimento em entrevista fala um pouco de sua obra e explica os motivos que a levaram a escrever o livro.

Quais foram as inspirações para escrever o livro?

Essa história tem a ver com minha vivência pessoal: somos sete mulheres em casa, então desde pequena eu já via isso. Alisava o cabelo e ele quebrava. E, mesmo assim, era só aparecer um alisante novo e as tentativas prosseguiram. Saía ferida na cabeça, mas seu cabelo estava liso! É uma coisa comum das mulheres negras: você cresce com a convicção de que tem que alisar seu cabelo, é uma coisa naturalizada.

Foi dessa vivência que veio a ideia de escrever, quando eu terminei a graduação. Eu nem chamava de livro, chamava de cartilha. Com a aprovação do material, as outras partes eu fui fazendo por conta própria. Eu editei o livro sozinha, não tinha nem editora. As ilustrações foram feitas pela minha ex-enteadada, a Nara Silver. Eu doei para várias instituições aqui da Capital. Foram mil exemplares.

As personagens apresentam personalidades particulares. Elas foram inspiradas em alguém?

Nas minhas sobrinhas. Não que se pareçam muito, mas o nome é delas, sim. Inclusive, a minha sobrinha se apresentou na escola em que o livro foi ado-

entrevista

tado, e todos de lá sabem que ela é uma pessoa em que eu baseei a personagem da obra. Foi bem interessante a interação deles. Eu, particularmente, me identifico um pouco com a Tatá, minha estratégia sempre foi chorar (referindo-se à personagem que chora – ou sempre chora – quando passa por alguma experiência racista).

Mesmo o livro sendo uma obra voltada ao público infantil em geral, há outros aspectos sociais a respeito especificamente da criança negra? Você poderia citar algumas dessas ressalvas e o porquê delas?

Na história há algumas particularidades em cada personagem. A Ritinha foi criada pelo pai, por isso o cabelo meio preso de qualquer jeito, porque ele prende como consegue ou ela mesmo faz, é uma garota mais independente. A mãe da Bia tem um salão de beleza e ela sempre cresceu achando que

é uma coisa de embelezamento (alisar, prender o cabelo). E a Tatá sempre teve isso de ser a mais humilde, mora longe da escola, tem uma família grande como a minha. A família dela é a que eu mais falo no livro, na família dela não tem isso de falar sobre racismo, valorização e etc. Não há tempo de ficar discutindo, tem que ganhar dinheiro. Nem todas as famílias têm isso, de ficar dando um gás nas crianças sobre a subjetividade. A Tatá é a mais curiosa, fica pensando o porquê de não poder aceitar o cabelo como é. Ela espelha exatamente aquela fase dos porquês.

Qual a principal deficiência na educação das crianças quanto às questões que envolvem os negros?

Eu não sou da área da educação, mas eu respondo enquanto mãe. Eu acho que a questão principal é o senso de projeto a longo prazo nas escolas. Quanto tempo você precisa para discutir o racismo? Eu visitei muitas escolas públicas e particulares, e a abordagem é a mesma. O projeto não tem continuidade, é feito de forma rasa, é sempre aquela discussão bem localizada. Não querendo me desfazer do trabalho dos professores, pois eu sei das dificuldades da escola pública, mas acho que é um assunto muito complexo para ser abordado de uma forma tão rápida. O racismo faz parte da estrutura social. As pessoas negras vivem isso todo o dia, não é só uma semana. Quando acontecem os

episódios de racismo na sala de aula, geralmente a escola não dá consequência. Pode chamar os pais e fica como uma coisa de bullying – “não faça mais isso porque nós todos somos iguais” – e pronto! Não se fala da estrutura de onde vem isso, e nisso não se mexe porque vai afetar os privilégios. As escolas adotam o meu livro, mas, para uma aplicação coerente, deveria usar o modo de implantação das políticas públicas. É o que falta, a aplicação da lei nº 10.639/2003 (que incluiu nas diretrizes básicas da educação nacional a obrigatoriedade do ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira”). Mais de dez anos depois da promulgação da lei, no entanto, a aplicação, a implementação dela não existe. Há iniciativas, tentativas na formação de professores, mas você vai nas escolas e não vê uma prática, nem a inclusão dos conteúdos. Imagina as discussões que deveriam ter fora da sala de aula!

Você acha que um filme como “Pantera Negra”, que coloca personagens negros no protagonismo da história, contribui de alguma forma para o debate sobre racismo?

Eu não assisti ao filme ainda, não sei responder, mas posso dizer que acho importante ter um produto desses, que pelo menos suscite algum tipo de debate sobre isso. Há filmes que têm só personagens brancos, que não levanta discussão nenhuma. Porém, por que não podem haver também

entrevista

personagens negros em filmes fazendo coisas normais? Só porque são personagens negros tem que haver uma nação fantasia? Tem de se pensar em filmes que saiam do mágico, é preciso colocar atores negros em demais trabalhos em que eles atuariam como pessoas do cotidiano, como nós.

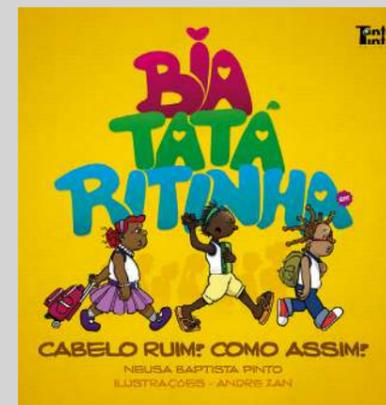
De acordo com a última pesquisa do Google Brandlab de 2017, a transição capilar em menos de dois anos aumentou 55% no Brasil. Se os cachos sempre existiram, por que agora o aumento?

Agora, com essa valorização do cabelo crespo na mídia, há mais visibilidade, mas ainda falta muita coisa para ser feita, ainda precisamos ser mais representados. Eu acho que o cabelo já é trabalhado pelo movimento negro – Panteras Negras, movimento Black Power, movimento Black is Beautiful, nos anos 60 e 70, a Angela Davis é também uma referência. Nos Estados Unidos da América, o cabelo já era trabalhado e isso teve continuidade porque o movimento negro sempre teve essa referência física do cabelo como parte da sua manifestação. Não é uma coisa que surgiu como moda agora. Acho que agora observam-se dados assim porque as discussões a respeito do cabelo também estão vinculadas no meio digital. A marcha do cabelo crespo foi organizada pelas redes sociais, por exemplo. Há mais negros nas universidades com mais acesso à

internet, novos grupos, novas meninas, novas gerações de mulheres negras. Hoje, você tem acesso a tudo, você mesmo produz e consome. O movimento negro está entrando na universidade, essas meninas têm essa postura mais assertiva, como a Karol Conka, que agrega para outras pessoas. Tem os movimentos sociais por trás disso não é só o mercado.

Essa midiaticização do cabelo crespo contribui para as discussões sobre igualdade racial?

Não podemos ficar na estética só pela estética. Mas entendendo que partindo daí você já está questionando, já está propondo alguma questão. Não há comerciais de cremes para cachos que divulgam o cabelo crespo. Bonito é aquele que tem os fios com cachos redondinhos, mais abertos indo para o ondulado. É um cabelo que continua tendo mais visibilidade. O discurso de aceitação e diversidade é muito bom para se reproduzir e foi muito bem abraçado pelo mercado, mas o que vejo é que a mulher negra de pele mais escura e com o cabelo mais crespo não tem espaço como modelo de beleza. E, quando tem, assume o papel de exótica, que sempre destaca, que ela é aquela coisa de outro planeta.



filha. “Ela falou: ‘eu entendo que você quer deixar seu cabelo voltar, mas faz uma chapinha. Imagina você chegando lá assim, na frente da família?’”, recorda.

“Ficar com as duas texturas no cabelo realmente não é algo visto com bons olhos. A transição é paciência, pois a pessoa tem que esperar o cabelo natural crescer e, ao mesmo tempo, ficar com o antigo. Há a opção do corte, mas entra a outra problemática sobre o cabelo extremamente curto, a questão da segurança, e ao mesmo tempo o apego ao cabelo comprido”, afirma Isabela Morais.

O cabelo curto no Brasil ainda representa um sentimento contrário de representação feminina. Temos no país uma popular “Síndrome de Rapunzel”. Dessa maneira, muitas mulheres mantêm o hábito de deixar os fios longos ou pelo menos abaixo dos ombros. Quanto menor é o comprimento dos fios, menos ele representa o feminino. Não é à toa que aqui se usa o termo corte “Joãozinho” ao comprimento mais curto. A insegurança da entrevistada se justifica pela preocupação com o julgamento alheio e também pelo medo de não se reconhecer como mulher, caso o cabelo ficasse muito curto. A jovem frequenta as reuniões do Coletivo Negro

Livro de estreia de Neusa Baptista Pinto (Tanta Tinta, 2010) sobre preconceito racial e auto-aceitação de garotas negras.

O livro de Neusa Baptista Pinto ganhou uma versão em quadrinhos no ano de 2015.



da UFMT.

Mesmo assim, o processo de autoaceitação foi gradativo. “Mesmo tendo elas [mulheres integrantes do Coletivo] ao meu redor, eu não me aceitava. Eu olhava para elas, pretas e gordas, e as admirava, mas eu ainda não me sentia bem. Foi um processo baseado em pequenos passos”.

Para Larissa Santos, até hoje a mãe não entendeu o seu auto-reconhecimento. “Ela respeita, mas ainda não concorda com o meu posicionamento”. A estudante tinha uma relação muito estruturada com o cabelo liso: ela era modelo capilar, os elogios com os fios longos já faziam parte da rotina dela e da mãe. Larissa era uma das moças do famoso quadro “antes e depois”. Ela conta que trabalhou muito nas feiras de beleza. “Era comum mostrarem o cabelo crespo de um lado e, do outro, o liso como se fosse o bem e o mal; como se imagina, após a aplicação do produto, o cabelo liso sempre era o que ganhava elogios”.

Vale ressaltar que, por muito tempo no Brasil, se popularizaram os procedimentos de alisamento. Eles se multiplicavam em denominações como escova progressiva, definitiva, francesa, inteligente, botox etc. Esses processos deixaram sequelas graves em muitas mulheres,

por serem manuseados de maneira incorreta e por incluírem, além de outros elementos, como a Guanidina e o famoso formol.

TRANSIÇÃO CAPILAR E A SAÚDE DOS CABELOS

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), “o formol possui uso permitido em cosméticos nas funções de conservante (limite máximo de uso permitido 0,2% - Resolução 162/01) e como agente endurecedor de unhas (limite máximo de uso permitido 5% - Resolução 215/05)”. O uso do formol com a finalidade de alisar os cabelos não é permitido pela legislação sanitária. Há a “trapaça” na utilização do formol porque os métodos não são registrados pela Anvisa, apenas os produtos para alisamento capilar. O formol



A jornalista Monique Fogliatto optou por interromper os procedimentos de transição capilar. (Foto: Angela Jucá)

é considerado cancerígeno pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Quando absorvido pelo organismo por inalação. Principalmente pela exposição prolongada, apresenta como risco o aparecimento de câncer na boca, nas narinas, no pulmão, no sangue e na cabeça.

Antes do consumo desses produtos, é de suma importância verificar se eles são registrados pela Anvisa. Se tudo for feito como esclarece o órgão, não há riscos nos procedimentos químicos.

Monique Fogliatto, 21, jornalista, por exemplo, passou pela transição e resolveu voltar a alisar o cabelo. “Eu passei um ano e três meses em transição e, ao mesmo tempo, eu observei meu cabelo tentando criar forma. Com isso a frustração também me acompanhava. Escolhi passar pela transição para saber como era o meu cabelo, não sabia como ele era e depois que comecei a observar várias meninas na universidade e nas redes sociais tentando e conseguindo, pensei: ‘eu também consigo’”.

Monique Fogliatto ainda explicou que se decepcionou no período do processo, “pois, você imagina a transição como uma coisa muito fácil, que você vai passar por dois ou três meses e o cabelo vai estar com cacho e vai estar



Foto: Maria Cláudia Reis

maravilhoso, mas não é exatamente assim. No meu caso, por exemplo, eu fiz de tudo. Peguei dicas nos grupos, mas o scab hair [primeiros fios de cabelo que surgem entre o abandono dos procedimentos químicos e o crescimento do cabelo natural] e a insatisfação com os resultados não ajudaram”.

Descontente com o resultado, Fogliatto resolveu voltar para os processos químicos. Ela assume a falta de paciência para esperar o término da transição, mas também salienta que a motivação de querer voltar aos fios naturais foi válida, e nada impede que tente novamente, “mas é bom a pessoa, acima de tudo, fazer o que deseja,

o que te faz bem. Há várias meninas que decidem pela transição por ver as outras mulheres passando, o que é muito bom. No entanto, na influência tem que se observar: é realmente isso que se deseja?”.

“Hoje eu reconheço que esse pensamento de quem eu sou não parte do meu cabelo, parte de eu sentir que estou bem. Se você quer ter o cabelo liso, vá ter o cabelo liso, isso não te faz menos resistente. Você tem esse direito”, salientou Monique Fogliatto.

Todas as entrevistadas afirmaram que a transição realmente não é um momento muito fácil, é a fase em que a pessoa mais coloca em xeque a vaidade, o costume e a von-

tade de desistir, pois mexe com a estética. Isso, de certa forma, atinge a feminilidade.

Há, atualmente, grandes grupos nas redes sociais sobre o tema e estes servem como meios de apoio e como base de informações de pesquisas, dicas, receitas e demais discussões. O apoio vem para vários tipos de problemas encontrados no processo de transição.

Todas as entrevistadas afirmaram que a dificuldade não está só em assistir pacientemente ao nascimento e crescimento dos fios, mas também está em aguentar a rejeição e palpites das pessoas que, infelizmente, ainda possuem um olhar distorcido sobre o processo. “As pesso-

as ainda são muito preconceituosas. Não entendem o peso que é você passar tantos anos da sua vida não se reconhecendo, não amando o seu próprio corpo, o seu próprio cabelo. Quando você se vê livre desses tantos processos, vai ver que vale a pena, ao menos eu estou passando por isso”, afirma Isabela Silva

A OPINIÃO ALHEIA

Há muitos palpites sobre o corpo e, geralmente, as mulheres são o maior alvo. Não há apoio nem dos profissionais da área da estética. Larissa Santos, por exemplo, teve que lidar com a má reação do próprio cabeleireiro sobre o tamanho do corte da cliente, que era rente à nuca. O profissional insistiu com as perguntas. Ele teve que entender primeiro, conhecer toda a história para realizar o corte. “Os profissionais da área ainda não estão preparados para essa nova perspectiva”, afirma Larissa.

O cabeleireiro de Annie Lima, por exemplo, por causa da mesma insistência, teve que ver o cabelo dela molhado para se “tranquilizar” e fazer o corte, pois, como relata a estudante, ao chegar ao ambiente e pedir o corte, o profissional não aceitava os motivos. “Parecia que ele tinha medo de realizar o corte, e eu me arrependei e culpá-



Annie Lima optou por retomar o cabelo natural (Foto: Beatriz Alves)

-lo por isso”. As jovens argumentaram também que, por conta dessa falta de conhecimento dos cabeleireiros, elas pararam de frequentar os salões de beleza e passaram a cuidar sozinhas dos próprios fios. Isso proporcionou mais proximidade, autoconhecimento.

Isabela Moraes, além da mãe, também ouvia queixas do antigo parceiro. “Ele falava ‘não está legal’, o tempo todo”. Convivendo assim com os alertas do ex-namorado, ela acabava indo ao

salão e fazendo o alisamento “porque eu não ficava bonita com nada, ninguém me apoiava para continuar”. A jovem tentou mais de uma vez passar pelo processo de transição até conseguir. “Depois do coletivo, o processo se tornou melhor, não leve, porque a transição não é um processo fácil. Porém, andar junto com pessoas que nos ajudam torna, sim, a situação menos difícil”.

A professora Cândida Soares relata que quando entrou na UFMT em 2008, no

Instituto de Educação havia poucas pessoas negras, com os cabelos livres, e pelo que se recorda, só havia no Instituto ela e uma aluna de Psicologia. Desde então, deu-se início a um “movimento, uma tentativa de construção de um coletivo de estudantes de origem popular. A partir de um grupo de estudantes de extensão e a participação de alguns de pós-graduação, foi fundado em 2013 um coletivo, denominado Coletivo Negro Universitário, que está aí até hoje. Esse coletivo, enquanto movimento social, começou a pautar as questões raciais na universidade”, lembra a docente.

A representatividade negra de suas várias formas expressiva, inclusive nos cabelos, também foi aumentando de acordo com a presença de mais pessoas negras na UFMT. Em 2011, a UFMT aprova o sistema de reserva de vagas com o recorte de 30% para estudantes negros. Em 2012, surge uma política nacional para que todas as universidades públicas adotem o sistema de reserva de vagas. “Com isso, obviamente, nós vamos ter uma maior presença de pessoas negras e também com seus cabelos soltos, trançados, uma imensidão de formatos e cores de cabelos de pessoas negras e pardas que vêm para as uni-

versidades e que não estão mais interessadas em se submeter. Elas vêm dispostas a demonstrar que os cabelos fazem parte delas. Há, então, uma presença maior, mas ainda não suficiente, de pessoas pretas e pardas com uma infinidade de cabelos de diferentes formatos e colorações”, ressaltou a professora Cândida Soares.

Vale ressaltar também que com a vinda de muitos estrangeiros, de maioria africana para Cuiabá, mui-

A transição capilar como movimento político-social não foi vista com a mesma perspectiva pelo mercado. Hoje, já há muitas divulgações

tas pessoas estão utilizando e aprendendo a usar outros tipos de penteados, como as tranças Box Braids [tranças feitas com material sintético que são trançadas ao seu cabelo natural]. Tendo como exemplo a familiaridade dos negros estrangeiros com seus cabelos, os negros da capital mato-grossense começam a explorar uma variedade de escolhas que antes era desconhecida. Além de trazer

proximidade e autoconhecimento, traz também um tipo de trabalho que, em Cuiabá, já pode ser visto pelas praças centrais onde sempre é possível encontrar uma trancista fazendo penteados em alguém.

A transição capilar como movimento político-social não foi vista com a mesma perspectiva pelo mercado. Atualmente, muitas são as publicações que divulgam esse reconhecimento pessoal como “moda”. Mas não! O cabelo crespo ou cacheado não é só um símbolo de tendência, há uma questão mais profunda para essa popularização. O que houve, na verdade foi em boa parte dos casos um autoreconhecimento, uma aprendizagem que, ainda que tardia, chegou com a força e o desejo de se estabelecer. Ela veio por meio de muitas lutas que em diversos parâmetros se uniu em exigências, que ainda estão sendo feitas. Assim, ao colocar essa mudança ao patamar de tendência realiza-se um equívoco, pois esconde-se a realidade de que antes não havia tantas oportunidades de se assumir o cabelo como agora.

Até pode-se observar que algumas pessoas adotem esse modelo de cabelo e o usa atualmente, no entanto ainda soa estranho ser moda algo que sempre lhe pertenceu.